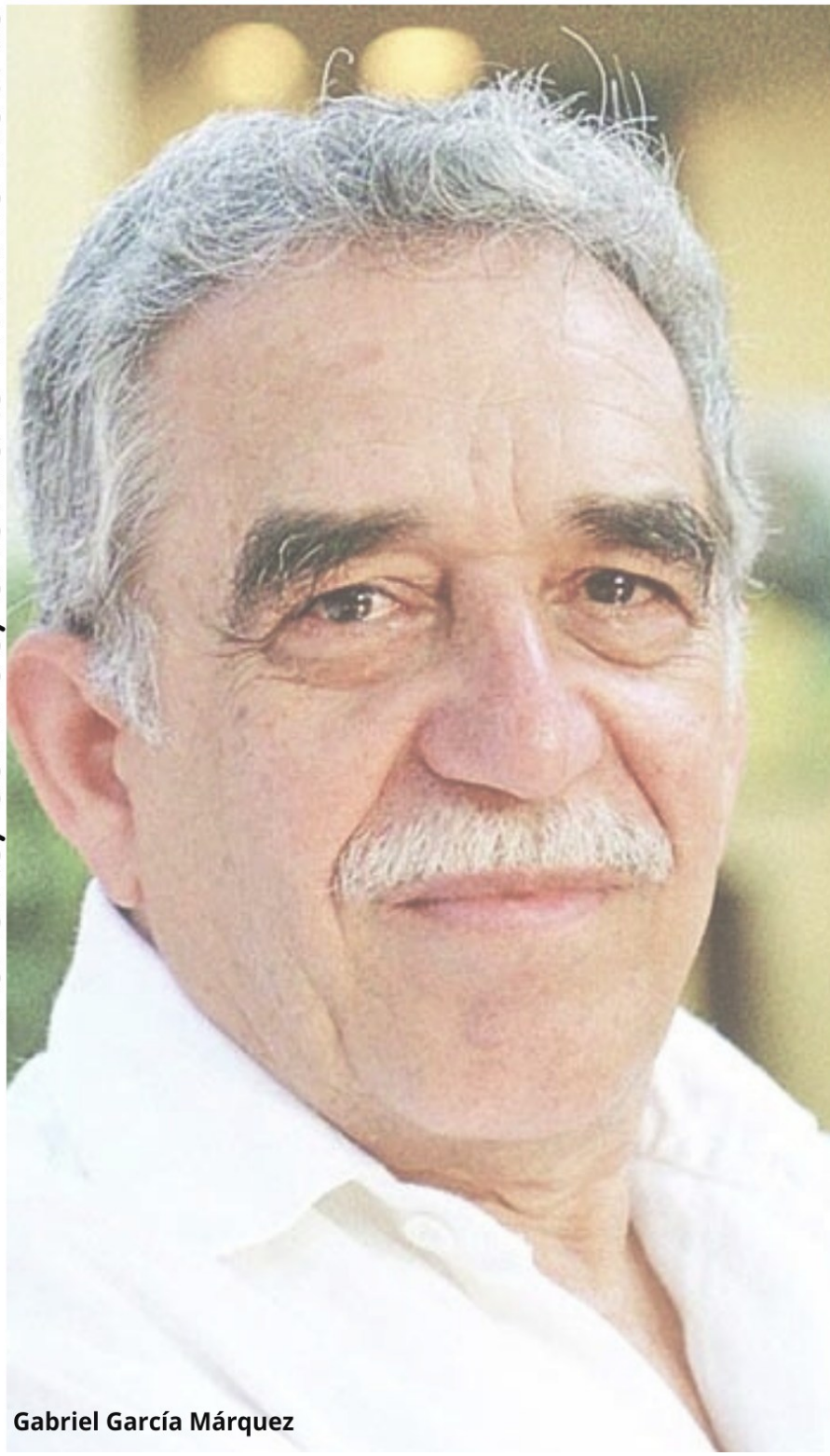
ISSN 2965-6192

Revista Sarau

Volume 5 - número 13 - março/abril de 2025

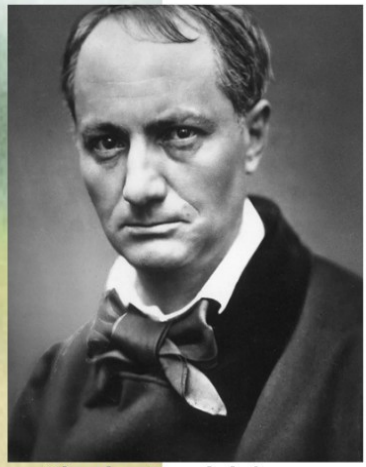
https://revistasarau2.wixsite.com/website

POESIAS/CONTOS/CRÔNICAS E ARTES VISUAIS

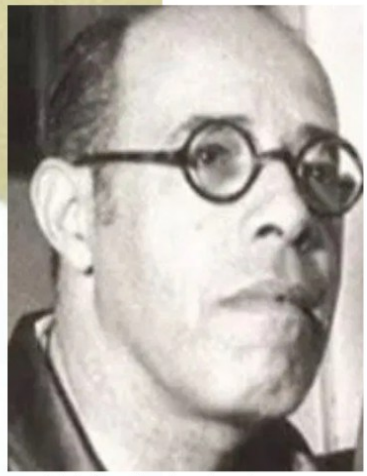


Gabriel García Márquez

Amélia de Freitas Beviláqua



Charles Baudelaire



Mário de Andrade

AUDIODESCRIÇÃO MARÇO / ABRIL DE 2025

Descrição da imagem: capa com fundo branco. Na parte superior, em letras pretas, “ISSN 2965-6192” e o código de barras; “Revista Sarau”; “Volume 5 – número 13 – março / abril de 2025” e o código de barras. Abaixo, à esquerda na vertical: “POESIAS/CONTOS/CRÔNICAS E ARTES VISUAIS”. À direita, na parte central, o escritor cubano Gabriel García Márquez, a escritora brasileira Amélia de Freitas Beviláqua, o poeta francês Charles Baudelaire e o poeta brasileiro Mário de Andrade. *A foto grande, colorida e em destaque de Gabriel: homem de pele clara, cabelos curtos e grisalhos, olhos escuros e bigode grisalho, usa camisa branca. E à direita, de cima para baixo, as fotos em preto e branco de Amélia: mulher parda, cabelos negros, ondulados nas pontas e acima dos ombros, olhos escuros, usa blusa com gola v; Charles: homem de pele clara, cabelos lisos, curtos e um pouco calvo, olhos escuros, usa sobretudo escuro com gravata borboleta sobre uma camisa branca; Mário: homem de pele parda, calvo, cabelos escuros, curtos e lisos, usa óculos de grau no formato arredondado.*

@REVISTASARAU

POLÍTICA DE DIREITOS AUTORAIS

Copyright © dos trabalhos pertencem aos seus autores. Todos os direitos reservados.

Os autores e artistas que publicam seus trabalhos na Revista Sarau concordam com os seguintes termos:
●. Os textos e imagens publicados na Revista podem ser reproduzidos em quaisquer mídias, desde que a utilização seja isenta de fins lucrativos e sejam preservados os nomes de seus autores e a fonte;
● O conteúdo de cada texto ou imagem, aqui publicadas, é de exclusiva responsabilidade de seus autores e tais conteúdos não refletem, necessariamente, a opinião da Revista;
● Toda participação na Revista Sarau ocorre de forma gratuita.

Para baixar nossas edições anteriores, acesse:
https://revistasarau2.wixsite.com/website

EXPEDIENTE

Volume 5 – número 13 – mar. / abr. de 2025
Fortaleza – CE – Brasil
Publicação Bimestral
Distribuição Gratuita: On-line

EDITOR CHEFE:

Nonato Nogueira

JORNALISTAS:

Tiago Rocha de Oliveira - Registro nº MTB/JP 01293-ES
Gerardo Carvalho Frota - Registro nº 1679-CE, em 21/03/2005. DRT 002936/00-92

CONSELHO EDITORIAL:

Nonato Nogueira (Editor)
Afrânio Câmara (UERN)
Luciana Bessa (UFCA)
Gerson Augusto Jr. (UECE)
Elaine Meireles (Editorial)
Ivan Melo

Colunistas:
José Roberto Morais
Néia Gava
Péricles Melo
Rangel Flor
Eduardo Fontenele
Elaine Meireles

REVISÃO E NORMATIZAÇÃO:

Elaine Meireles e Ivan Melo

DIAGRAMAÇÃO:

Nonato Nogueira

CAPA:

Reprodução da foto de Gabriel García Márquez, Amélia de Freitas Beviláqua, Charles Baudelaire e Mário de Andrade

AUDIODESCRIÇÃO:

Ana Paula Marques

CONTATO:

revistasarau2@gmail.com
Instagram: @revistasarau
https://revistasarau2.wixsite.com/website

A Revista Sarau é uma revista de Literatura, Música, Cinema, Teatro e Artes Visuais. É uma publicação eletrônica, de submissão aberta, publicada bimestralmente por escritores e artistas comprometidos com a divulgação da Literatura e da Arte em nosso país.

SUMÁRIO

5 Editorial
6 Amélia Beviláqua: mais orgulhosa de que humilhada / Luciana Bessa
8 Refletindo com Amélia Beviláqua / Luiza Pontes
9 A grande Amélia Beviláqua / Líllian Gondim
10 Amélia Beviláqua / Ana Paula Marques
11 Amélia de Freitas Beviláqua: infância e instrução escolar / Nino Dourado
13 Art Collage – Revolução / Beny Barbosa
14 O poeta das Flores do Mal / Vanice Ricardo do Nascimento
15 Baudelaire: algumas considerações / Renata Barcellos
16 Charles Pierre Baudelaire / Jonas Serafim
17 Linoleogravura – Tempo de caju / Carlos Nascimentto
18 Mário de Andrade e sua obra literária com gotas de sangue / Néia Gava
19 Mário de Andrade desmistificando a preguiça... / Denilson Marques dos Santos
22 O moderno tupiniquim / Sebastião Amâncio
23 Grafite – Além das Tramelas / Amauri Flor
24 Prisioneiro / C. Vagner Lucena
25 Pronto, te contei! / Maria Patriolino
27 Garcia Marques, o homem que sabia que ia viver / Arnaldo Ricardo do Nascimento
28 A ditadura chilena vista pelos olhos de um clandestino / Eduardo Fontenele
30 Gabo – o rei de Macondo / Lucirene Façanha
32 Fotografia digital – Arco de Eros / Carlos Nascimentto
33 Coluna Clics do Sertão / José Roberto Morais
38 A poesia de Sophia Jamali Soufi
39 A fonte / Gerson Augusto Jr.
41 Ar que respiro / Costa Senna
42 Poesias / Giovanna Barros
43 Dorme Gigante / Vera Marques
45 É tempo! Vem!!! / Rita Brígido
46 Escombros / Rafa Chagas
47 Impassível / Raimundo M. Pimenta
49 Sertão / Breno Gomes Fernandes
50 Limites / Vuldembergue Farias
51 O Homem de Aço / Leandra de Vasconcelos Queiroz
52 A cozinha / Amauri Flor
53 Juventude / José Leôncio de Lima
54 Matéria e movimento / Gabriel Régis
55 Humanos / Edson Medeiros Rocha; Silêncio / Gorette Rodrigues
56 Abismo / Diana Rech
57 O lobisomem / Júlia Mascavo Alvim
58 O banco do jardim / Ludimilla Barreira
59 Amor-precipício / Carlos Henrique Carrilho Cruz
60 O tempo / Nádia Ventura
61 Jaraguá mania / Nonato Araújo
62 As marés do meu ser / Enrico Pierro
63 A razão da loucura / Enrico Pierro
64 Crônica poética aos artistas brasileiros Ary Sherlock e Vital Farias / Élcio Cavalcante
65 Coluna entre Malditos e Marginais / Péricles Melo, Rangel Flor e Eduardo Fontenele
72 Charles Baudelaire, maldito / Arnaldo Ricardo do Nascimento; A árvore e o tempo / Maria do Livramento Gomes
73 Coluna Mosaico Artístico-Cultural / Elaine Meireles

EDITORIAL

O **Mito de Sísifo** nos convida constantemente a refletir sobre nossas atitudes pessoais e coletivas. O castigo de Zeus imposto a Sísifo – conduzir uma grande pedra ao cume de uma montanha, mas esta rola para baixo toda vez que atinge sua meta – é um reiniciar estafante de sua missão, que parece ser um trabalho inútil para uns, e para outros, um esforço a não desistir de lutar por seus ideais.

Contudo, vale a pena questionar o porquê desse castigo! Qual a razão dessa tarefa extrema, de algo que tem sempre um começo, mas não tem um fim?

Sísifo é um homem astuto e um grande enganador, que gosta de tirar vantagem de situações várias, quando de seu conhecimento. Eis a origem e motivo de sua condenação: *enganar, blefar, engabelar, atraiçoar*! *Ludibriar* deveria ser uma palavra e ação a ser eliminada do convívio dos humanos.

Esse mal, ***fingir***, deveria ser permitido apenas na Arte. Somente a Arte *poderia burlar, camuflar, trapacear*. Somente ela deveria ter permissão para criar o "*mundo do faz de conta*". Pois, teríamos, sempre, a oportunidade de vermos os absurdos causados pelas ações humanas bem como as belezas que nós, humanos, podemos construir.

No bimestre março/abril, a **Revista Sarau** convida seus leitores a encontrar e a se encantar com "**verdades**" que saltam das poesias simbolistas de Charles Baudelaire; da identidade do povo brasileiro, oriunda do romance *Macunaíma*, de Mário de Andrade; da prosa literária/ensaios da piauiense Amélia Freitas, que desde cedo foi apoiada por seu esposo cearense Clóvis Beviláqua; da cidade *Macondo*, saída do romance *Cem anos de solidão*, de Gabriel Garcia Marques.

Mergulhar na ficção, para descobrir a realidade. Mergulhar na realidade, para encontrar a ficção!

Fica o convite para assistir "*Eu ainda estou aqui*" e uma agradável leitura da Revista Sarau!

Elaine Meireles

Amélia Beviláqua: mais orgulhosa do que humilhada

Luciana Bessa

Falar de Amélia de Freitas Beviláqua é falar de uma mulher pioneira na luta pelos direitos das mulheres em uma sociedade patriarcalista e misógina como é o caso do Brasil. É lamentável e ultrajante, que em pleno século XXI, muitas percam suas vidas pelas mãos de seus maridos e/ou companheiros.

Amélia Beviláqua
Foto: Divulgação

Vanguardista, Amélia Beviláqua, já na escola (São Luís) publicou seus primeiros poemas e contos. No ano de 1889, Proclamação da República, era possível ler seus textos nos periódicos pernambucanos e paulistas – Revista do Brasil.

Foi, ainda, redatora do periódico O Lyrio, em Recife, ao lado da amiga Maria Augusta Meire de Vasconcelos, pioneira na luta pelo voto feminino no Brasil, no ano de 1902, o que influenciou na criação do Jornal Borboleta, em Teresina, Piauí.

Na década de 1920, Amélia tinha várias obras publicadas, dentre elas: **Literatura e Direito** (1907), **Vesta** (1908) e **Angústia** (1913). Seu nome já era conhecido pela crítica especializada como é o caso de Sílvio Romero, autor de **Introdução à história da literatura brasileira**, 1882, e Araripe Júnior, autor da obra **Movimento literário de 1893**, em 1896, período em que a mulher era desestimulada a frequentar os bancos acadêmicos sob pena de sofrer algum mal.

A piauiense nascida em Jurumenha, região Sul do Piauí, em 7 de agosto de 1860, foi ocupante da cadeira nº 23 da Academia Piauiense de Letras (APL) e patrona da cadeira nº 48 da Ala Feminina da Casa Juvenal Galeno-Ceará, da qual sou integrante há mais de vinte anos.

Incentivada pelo marido, o jurista Clóvis Beviláqua, autor do Código Civil Brasileiro (1899), candidatou-se à vaga de Alfredo Pujol, cadeira de nº 22, na Academia Brasileira de Letras (ABL), mas sua candidatura foi negada pelo fato de ser mulher. Assim como Júlia Lopes de Almeida, uma das idealizadoras da ABL, Amélia Beviláqua não pôde integrar tal instituição, já que seu estatuto, inspirado na Academia Francesa, alegava que somente "brasileiros natos ou naturalizados" poderiam adentrar naquele espaço. Mais uma vez, o pretenso privilégio biológico, maquiado

por uma questão linguística, brasileiro ≠ brasileira, impediu que uma mulher ocupasse um espaço de destaque. Ressentido, o autor de o Direito e Família (1896), não retornou à casa de Machado de Assis, que ele ajudou a construir.

Telles de Meirelles, em solidariedade ao veto de Amélia à ABL, publicou em outubro de 1930, o poema "A sentença fulminante":

> "Sim, orgulhosa. A douta Academia
> Que o vosso nome ilustre recusou
> Em nada vos tirou
> De vossa grande, esplêndida valia.
> Se houve algum perdedor nessa história
> Foram 'alguns fósseis de lá'".

Meirelles tinha razão: A douta Academia perdeu em não ter em seu quadro uma advogada, jornalista, escritora e pioneira na luta pelos direitos das mulheres no Brasil. Além disso, reafirmou mais uma vez seu machismo institucional e seu caráter não democrático. É lamentável que a ABL, em sua trajetória, tenha levado em consideração o gênero e não a competência intelectual como pré-requisito para compô-la. Quanto aos versos acima, foram incorporados por Amélia à sua obra - **A Academia Brasileira de Letras e Amélia de Freitas Beviláqua** (1930) - como uma espécie de epígrafe: "Estou mais perto de me sentir orgulhosa do que humilhada".

Amélia foi uma das fundadoras da revista Ciências e Letras e junto com o marido colaborou com a escrita do Almanaque Brasileiro Garnier (Periódico dirigido pelo escritor João Ribeiro) e o Dicionário Internacional. Escrever foi para Amélia uma forma de existir e resistir na sociedade na qual foi criada.

Maloquinha, como era carinhosamente chamada pelo marido, foi, antes de tudo, uma arguta leitora. Chegou, inclusive, a guardar em sua biblioteca seu primeiro livro lido **Paulo e Virgínia** (1787), de Bernadin Saint-Pierre. Além da Literatura, Amélia se interessava por Medicina, Filosofia e escutar o Bruxo do Cosme Velho na Livraria Garnier.

Leitura e Escrita são lugares de poder. Não é à toa que o cânone literário brasileiro tem cor e gênero: branco e masculino. Mulheres como Amélia Beviláqua nos inspiram a continuar contando nossas próprias histórias e incorporando os "nãos" como molas propulsoras para atingir o mais alto degrau de uma escritora: a identificação e a legitimação do público-leitor.

Luciana Bessa - Doutora em Letras pela Universidade Federal do Ceará e membro da Ala Feminina da Casa de Juvenal Galeno. Professora da Universidade Federal do Cariri (UFCA).

Refletindo com Amélia Beviláqua

Luiza Pontes

Entro no quarto de estudos e avisto uns papéis avulsos, guardados na escrivaninha herdada de meu querido avô materno, relembrando seus alfarrábios. Recordo de algumas anotações que fiz sobre autores cearenses, lembrando que guardo até hoje uma prateleira com alguns títulos da Literatura Cearense.

Abrindo a gaveta da escrivaninha, encontro um poema da renomada escritora Amélia Beviláqua, denominado Excerto de "Se Soubesses...", no qual a autora faz uma reflexão sobre o ato de viver, comparando a vida como uma grande teia que gira em dois polos, incluindo o amor e o sofrer. Destaco ainda uma frase da autora: "E um só instante de amor vale uma vida de dor!", ou seja, amor e dor vivem lado a lado, como uma moeda de cara e coroa.

Fecho os olhos e reflito sobre os amores que não são correspondidos, como bem o confirma a autora quando fala que mesmo desfolhando rosas de amor e de ternura sobre os passos do amado com intenção de adoçar os martírios, ela tem consciência do amor não correspondido. Reflito o quanto este tema se apresenta de forma atual.

Amélia de Freitas Beviláqua foi uma escritora ousada, a frente de seu tempo, em meados de 1930, a primeira mulher a entrar na Academia Piauiense de Letras, ocupando a cadeira n.º 23, onde pode desenvolver seu pioneirismo feminino, lutando contra a invisibilidade da mulher, merecendo nossa consideração.

Foto: Divulgação

Luiza Pontes - Formada em Letras e Música pela UECE. Especialista em Pesquisa Científica. Professora, atriz, diretora teatral, pesquisadora e escritora de contos, crônicas e poesias.

A Grande Amélia Beviláqua

Líllian Virgínia Carneiro Gondim

Às margens do Alto Parnaíba
Que em Jerumenha concebeu
Uma forte mulher que um dia
Nas escritas permaneceu
E não foi fácil transformar
Abrir as mentes sem lutar
Pelas obras ela venceu

A Grande Amélia Beviláqua
É um nome a sempre lembrar
Uma Escritora que apropinqua
Com o Direito a rabiscar
De que as mulheres teriam
Muitas comprovariam
Ter Voz, vez em qualquer lugar

É preciso, sim, persistir
Ainda são fortes os grilhões
As pessoas tentam fingir
Que não convivem com machões
Se cada voz for abafada
Não adiantará lei, nem nada
Se não amplia as educações

Líllian Virgínia Carneiro Gondim - nasceu em Fortaleza em 1985. É doutoranda em Educação pela UFC, Mestre em Planejamento e Políticas Públicas pela UECE, Bacharela em Direito e Psicopedagoga. É Acadêmica Efetiva Titular da Academia Feminina de Letras do Ceará - AFELCE - ocupante da Cadeira de N 32, AFELCE. Titular da ALA Feminina - ocupante da Cadeira de N 48. Já participou de diversas antologias e coletâneas.

Amélia Beviláqua

Ana Paula Marques

Há 164 anos, em Jerumenha, município do Estado do Piauí, nascia a advogada, escritora, poetisa, crítica literária, ensaísta e jornalista Amélia Carolina de Freitas Beviláqua. Ocupou a cadeira nº 23 da Academia Piauiense de Letras (APL) e foi patrona da cadeira 48 da Ala Feminina da Casa Juvenal Galeno-Ceará.

Amélia foi pioneira no feminismo e enfrentou desafios para romper barreiras contra a invisibilidade da mulher. Concluiu os estudos em Pernambuco, onde conheceu e se casou em 1883 com o jurista Clóvis Beviláqua, autor do Código Civil Brasileiro de 1916.

Publicou, em 1889, trabalhos na Revista do Brasil em São Paulo, como também em jornais de Recife. Em 1902, foi redatora-chefe e uma das criadoras da revista "O Lyrio", escrita somente por mulheres. Outrossim, Amélia foi a primeira mulher a se candidatar a uma cadeira na Academia Brasileira de Letras (1930), mas não foi deferida por ser mulher.

Obras da acadêmica: "Alcyone" (1902), "Aspectos" (1906), "Instrução e Educação da Infância" (1906), "Através da Vida" (1906), "Literatura e Direito" (1907), "Vesta" (1908), "Angústia" (1913), "Açucena" (1921), "Jeannette" (1923), "Impressões" (1929), "A Academia Brasileira de Letras e Amélia de Freitas Beviláqua" (1930), "Flor do Orfanato" (1931), "Divagações (1931), Recordação do dia 7 de agosto" (1933) e "Alma Universal" (1935).

Amélia Beviláqua faleceu em 17 de novembro de 1946 (RJ), deixando uma projeção literária ímpar, bem como inspirou outras mulheres, a quem grande parte de seus artigos, contos, romances e palestras, foram relevantes para suas críticas e denúncias da época.

Ana Paula Marques é natural de Fortaleza-CE, graduada em Engenharia Elétrica e Matemática. É poetisa e audiodescritora da Revista Sarau. Membro da Academia Antônio Bezerra de Letras e Artes (AABLA), do grupo de Poetisas Mulheres Poesis e do Clube de Amassadores. Escritora participante do livro "Educação em Revista", das antologias "A Felicidade Pós-Moderna", "Poetas Nordestinos Vol.1", "Vida em Poesia e da Coletânea", "Pão de Letras na Terra da Luz". Publicou a poesia "Paratletas" na Revista Pontinhos do Concurso Literário, realizado em julho de 2024, pela I Feira Literária Inclusiva do Instituto Benjamin Constant (IBC). Conquistou o 2º lugar (2024), o 1º lugar (2023) e o 4º Lugar (2022) no Concurso de Microconto da União Brasileira de Trovadores.

Amélia de Freitas Bevilaqua: infância e instrução escolar

Nino Dourado

A infância de Amélia de Freitas ocorreu na província do Piauí, nas agitações diárias das notícias sobre a Guerra do Paraguai. A primogênita do casal José Manoel de Freitas e Teresa Carolina da Silva Freitas deu seus primeiros passos na instrução exatamente no período mencionado acima. Era costume da época que a família fosse a responsável por propiciar os primeiros ensinamentos e, somente depois, a criança passava a frequentar uma escola ou a receber aulas particulares em casa.

Foto: Divulgação

Amélia de Freitas beneficiou-se da sua condição social como também dos investimentos e da dedicação que os pais dispensavam aos filhos. Ela tinha uma escola dentro do seu próprio espaço doméstico.

Amélia de Freitas Bevilaqua recebeu uma educação variada, alternando-se do lar ao colégio, do colégio ao lar. Informaremos a situação das escolas em Teresina, nos meados da década 1860, destacando a educação feminina. Amélia entrou para o colégio aos sete anos de idade, ou seja, em 1867. Nessa época, funcionavam em Teresina algumas escolas públicas e privadas, tendo professoras como Aurora Higina Meireles, Maria Amélia Rosa, Rosalina Amélia Gonçalves da Silva e Zelinda Rosa de Carvalho e Silva.

A primeira notícia a que tivemos acesso sobre a educação feminina em Teresina data exatamente de 1860, quando a professora Aurora Higina Meireles pediu licença ao diretor de Instrução Pública de Teresina para ministrar o ensino de primeiras letras. Um aspecto relevante a ser apontado é que a professora anunciava que as aulas seriam ministradas em sua própria casa. Talvez, fosse uma moça solteira, levando em consideração que ainda morava com os pais. O programa da aula era dividido em aulas de renda, costura, bordado e trabalhos desenvolvidos com lã, o que era costumeiro no ensino das meninas da época, trabalhos típicos do lar onde, mais tarde, essas crianças desenvolveriam as suas habilidades já na condição de esposas e mães.

Amélia de Freitas Bevilaqua, segundo suas próprias palavras, foi uma criança inquieta, que parava as suas travessuras apenas no momento de dormir ou quando a necessidade era maior, nos eventos que a família frequentava. Recorda que atormentava os pássaros e as flores. Seu corpo, ainda pequeno, apresentava os mais diversos sinais de quedas, cicatrizes, que possibilitavam narrar as suas peraltices. Conta que, em poucos instantes, pulava quantas vezes fosse necessário e dançava todas as danças da moda.

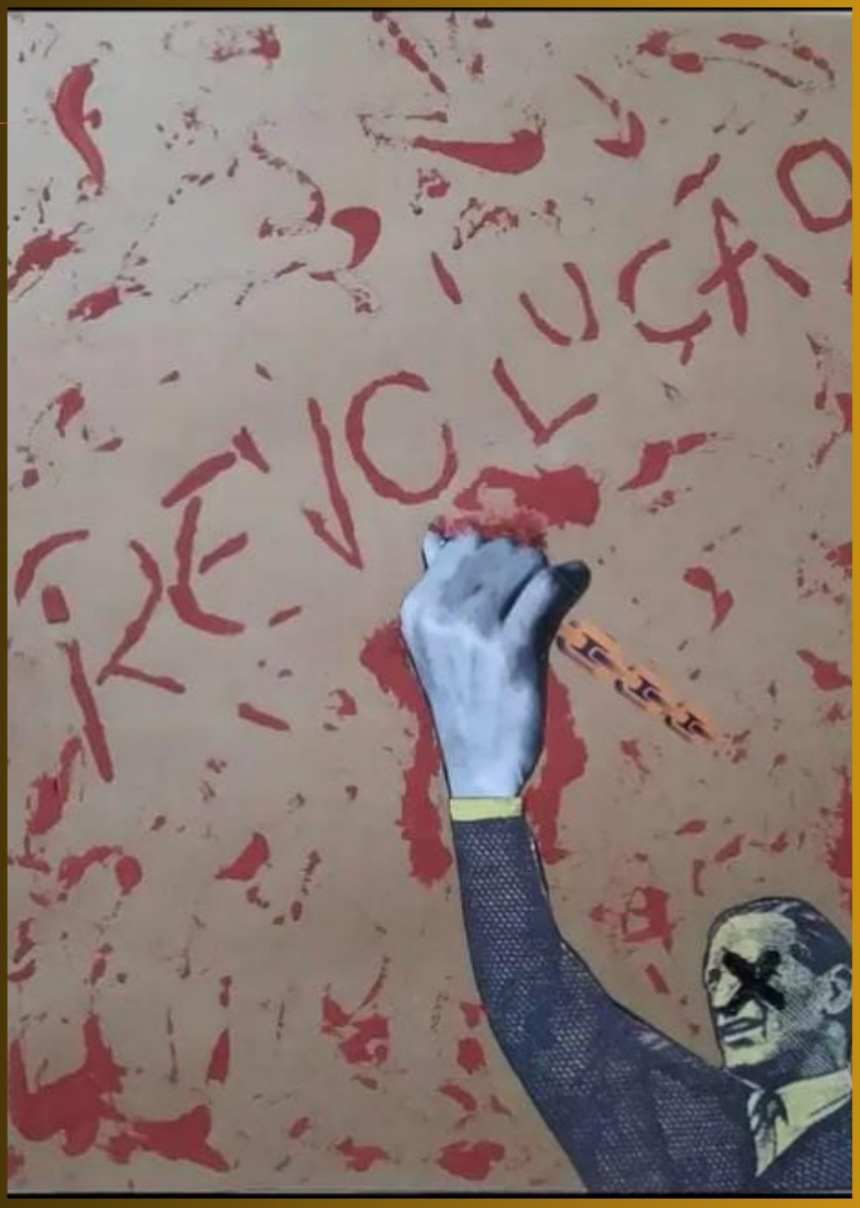
Com o ingresso no colégio, esses movimentos foram alterados e o tempo para as travessuras consumido por outras atividades, pelas horas de bordados, ocupado com as leituras. A educação feminina contemplava principalmente esses trabalhos de agulha e um pouco do ensino gramatical, o francês e as aulas de piano. Na Escola Infantil frequentada por Amélia de Freitas, em 1867, temos uma amostra das aulas: "No salão do centro, meninas davam lições de piano. Tocavam no momento um pedaço daquela admirável ópera de Gounod, – o *Fausto*".

O Piauí, durante os anos de 1860, contava com poucas novidades que pudessem distrair os seus habitantes. O lazer da época eram os passeios nas fazendas, os banhos nos rios, brincadeiras domésticas nas casas com seus enormes quintais onde se cultivavam as principais frutas da terra. Essa rotina era quebrada apenas com as horas de diversão nos bailes, as apresentações no Teatro Santa Teresa, a frequência ao Recreio Teresinense, que beneficiava a população com a sua máquina de sorvete. As festas mais populares eram celebradas pela Igreja Católica como, por exemplo, a Semana Santa. Os espaços públicos de lazer acima mencionados raramente recebiam crianças, considerando que, muitas vezes, o conteúdo apresentado era julgado inapropriado para os menores ou para as mulheres.

A produção literária de Amélia começou cedo. Residindo na casa de seus pais, a estudante redigia um jornal manuscrito, distribuindo-o entre os familiares e conhecidos.

Nino Dourado - Mestre e graduado em História pela Universidade Federal do Piauí. É autor do livro *Benedito Pestana*: o pai do jornalismo altoense (2017) e de diversos artigos, contos, poesias, crônicas etc. publicados em coletâneas e em eventos científicos. Sócio do Instituto Histórico e Geográfico do Piauí; da Academia de Letras e Línguas Nativas Altoenses; da Academia Itapecuruense de Ciências Letras e Artes e da Academia de História dos Municípios Oriundos de Campo Maior**.**

ART COLLAGE



REVOLUÇÃO

aquilo que se move

Beny Barbosa, natural de Fortaleza/CE. Graduado em Filosofia e mestrando em políticas públicas. Professor e militante dos Direitos Humanos. Escreve contos e poemas desde a adolescência. Participa de festivais de literatura e de antologias. Em 2021 publicou o seu primeiro livro solo, TEMPOS DE CHUMBO, que aborda a questão da ditadura militar no Brasil. É também arte colagista. A poesia é a voz da alma!

O poeta das Flores do Mal

Vanice Ricardo do Nascimento

Foto: Reprodução

Era inquietante
Pessimista
Simbolista
Era o poeta Charles Baudelaire.

A sociedade do século XIX
É toda moralista e demagoga
É industrializada e atrasada
É "AS FLORES DO MAL"

O mal grotesco de negar o amor
A religião que corrompe o apedeuta
A riqueza que suga da pobreza
É promiscuidade da mãe amamentando.

Censure a poesia
O poema perfeito não existe
A poesia bela morreu
Junto com a mais bela amante do rei.

Vanice Ricardo do Nascimento - Professora e Poetisa. Tem poemas publicados pela Editora Contos livres e outras antologias. Prefaciadora da Antologia **O Grito Delas**, **A Voz Silenciada que agora ecoa, pela** editora Brunsmark, 2023. Prefaciadora da Antologia **Entre Linhas e Versos**, pela editora Rio Flores Editora Renato Galvão. 2024. É autora do livro: **VIDAS**, pela Coleção Mulher Maravilhosa Volume 8 uma edição da ALB Campos RJ GRUPO, 2022. EDITORIAL.

BAUDELAIRE: algumas considerações

Renata Barcellos (BarcellArtes)

"Amo apaixonadamente o mistério, porque sempre espero desvendá-lo".

"Deus é o único ser que, para reinar, nem precisa existir".

Charles Pierre **Baudelaire** (Paris, 9 de abril de 1821 — Paris, 31 de agosto de 1867) foi poeta francês, ensaísta, tradutor e crítico de Arte francesa. Considerado como "Pai do Simbolismo" na França, também foi fundador da poesia moderna. Traduziu obras do escritor estadunidense Edgar Allan Poe (1809-1849).

Foi influenciado por pintores como Delacroix (1798-1863) a quem chamava de "pintor-poeta" pelas características de sua pintura. Desde os "poetas malditos" (Arthur Rimbaud, Paul Verlaine e Stéphane Mallarmé) até os contemporâneos da literatura mundial como o poeta simbolista do Rio Grande do Sul Eduardo Guimaraens e o poeta português Cesário Verde sofreram influência de sua obra.

Começou a escrever poemas e publicou em 1857 sua obra-prima: **As Flores do Mal** (em francês, *Les Fleurs du mal*). Nesta, são retratadas as mazelas do espírito humano. Composta de 166 poemas com muitas referências às artes plásticas, Baudelaire foi processado por atentado à moral. E seis poemas foram censurados na edição seguinte, publicada em 1861. O motivo: os poemas de **As Flores do Mal** traziam ao público imagens e temas controversos e incômodos à realidade humana como erotismo, decadência e morte. O poeta precisou pagar uma multa para o Estado e à editora.

Com Baudelaire, a poesia moderna surgiu. Ele percorreu caminho contrário aos contemporâneos no qual são características de seus poemas: ambiguidade, ironia, crítica, elementos místicos, valorização do inconsciente e pessimismo diante da realidade. Enquanto outros optaram pelo folhetim, ele preferiu escrever poesia. Sua arte expressava as 'AGRURAS" da vida. E deveria ser "chocante" assim como o mundo no qual estava inserido: "pareço-me com um homem desiludido cujo olhar, quando se volta para trás e procura fixar-se nos anos revolutos, não se apercebe mais do que desilusão e amargura". Para o poeta, se a Arte não "desse conta" da nova vida, ela estaria para sempre perdida.

Renata da Silva de Barcellos - escritora, pesquisadora de Literaturas, Pós-Doutorado em Literatura Brasileira pela UFRJ. Publicou Práticas Pedagógicas em Língua Portuguesa, Literaturas e Produção Textual; ebook Poesia Visual: Tchello D' Barros: olhos de lince; Colunista do Jornal Terra da Gente, do site Facetubes, da Revista Voo livre, Catarsis, LiterArte SP e Sarau. Fundadora do BarcellArtes e Âncora do Programa Pauta Nossa, da Mundial News RJ.

Charles Pierre Baudelaire

Jonas Serafim

Baudelaire nasceu em Paris, no ano de 1821, e viveu 46 anos como um poeta, ensaísta, tradutor e crítico de arte francês. Filho de François Baudelaire e sua segunda esposa, Caroline Defayis, ficou órfão de pai aos seis anos de idade. Baudelaire foi um dos precursores do simbolismo e fundador da *tradição moderna em poesia* do século XIX, que só foi reconhecida depois de sua morte.

Em 1932, sua família mudou-se para Lyon e, no ano seguinte, Baudelaire ingressou no internato do Collège Royal de Lyon, quando se rebelou contra a estrutura militar. Em 1841, pressionado pela família, abandonou seus estudos superiores e foi obrigado a embarcar em um navio para Calcutá, na Índia, mas interrompeu sua viagem e permaneceu nas ilhas Maurício

Em 1857, ao lançar uma coletânea com os seus mais belos poemas, intitulada "Les Fleurs du mal" ("As Flores do Mal"), foi acusado pela lei francesa de atentar contra a moral e os bons costumes. "As flores do mal" é a obra mais conhecida de Baudelaire e um marco para o simbolismo europeu. O livro foi censurado e o autor processado, mas voltou a ser vendido após a retirada de seis poemas.

Baudelaire teve sua obra apreendida, sendo obrigado a pagar uma pesada multa. Suas poesias deram origem aos "poetas malditos", expressão criada por Paul Verlaine em 1883.

Foi considerado o "pai" do Decadentismo ("que está em decadência"), que se opunha ao realismo e ao naturalismo. A leitura de suas obras pode ser interessante para quem se interessa por literatura, pois ele revolucionou a poesia francesa com a criação de uma nova forma de dissonância.

Entre 1864 e 1866, o poeta viveu na Bélgica, época em que começaram a surgir os problemas de saúde. Charles Baudelaire faleceu com paralisia geral, em Paris, no dia 31 de agosto de 1867. A obra de Baudelaire, que inaugurou a modernidade da poesia, só foi reconhecida após sua morte.

Carlos Drummond de Andrade, no seu livro "O Sentimento do Mundo", em seu "Poema da Necessidade", aconselha: *"é preciso ler Baudelaire/ é preciso colher as flores/ de que falam velhos autores."*

(Fonte:https://www.ebiografia.com/charles_baudelaire/#:~:text=Charles%20Baudelaire%20(1821%2D1867),mostrava%2Dse%20melanc%C3%B3lico%20e%20solit%C3%A1rio.).

Jonas Serafim de Sousa nasceu em 30 de março de 1962, em Recife, Pernambuco. É professor de Ensino Religioso na Prefeitura de Fortaleza. Atuante no sindicato dos professores de Fortaleza (Sindiute). Publicou seu primeiro livro na Bienal de 2022 em Fortaleza com a obra "Endyra: uma aventura na Amazônia". Em 2024, publicou "Poesofia". Residente em Pacatuba, Ceará. Publicações: jonaslivros.blogspot.com - Contato: (85) 9 8604.8862.

TEMPO DE CAJU

Técnica linoleogravura

Carlos Nascimentto - Professor Pedagogo, Especialista em Educação, Pós-Graduado em Planejamento, poeta, escritor e artista visual. Membro do Cecordel, ACE, UBT e outras.

Mário de Andrade e sua obra literária com gotas de sangue

Néia Gava

Certa vez, ao ler a obra "Há gotas de sangue em cada poema" (1917), de Mário de Andrade, tive certa dificuldade para compreender como o autor poderia imprimir em todo o seu primoroso trabalho sentimentos carregados de "gotas de sangue" em cada poema.

Pus-me a refletir sobre a relação entre poema e sangue. Como assim? Sangue em todos os poemas? Gotas de sangue nas entrelinhas? Versos poéticos com gotas de sangue? Sequer um verso de amor, alegria, agradecimentos...?

E, numa ordem crescente e carregada de emoções, as minhas reflexões se dissipavam diante de cada nova página virada, pois há momento para tudo: alegrias e tristezas; lágrimas e sorrisos; dor e êxtase... E, nessa obra, o momento era para a dor, para o sangue em cada poema.

Seguindo com a minha leitura, entre olhos lacrimejantes e sobrancelhas arqueadas pelo horror ali minuciado, notei as gotas de sangue em cada verso de cada poema, principalmente em *Espasmos*:

Ele pudera ouvir, caindo,
quando o estilhaço lhe rasgara o abdômen,
as joviais ovações dos seus soldados,
e, na fugida, os inimigos dizimados,
e os seus, em fúria, os perseguindo…
– E não restara um homem.
[…]

Suas entrelinhas, marcadas por tanta dor, revelam o cenário sombrio, aterrorizante e trágico da Primeira Guerra Mundial, que assolou cidades, dizimou famílias, tornou órfãos pequenos jovens, fazendo sangrar corpos, vidas, corações e poemas.

Tomado pela dor às vítimas desse massacre cruel, Mário de Andrade expôs, como numa confissão, a sua tristeza, descrevendo metaforicamente todas as agruras decorrentes desse conflito hostil e sangrento, que acarretou gotas de sangue em cada poema da obra do escritor e em cada leitor sensível às dores alheias.

Néia Gava é Especialista em Letras: Português e Literatura. Escritora e Poeta. Coautora de sete Antologias Poéticas publicadas. Membro do Conselho Municipal de Política Cultural de Vargem Alta. Acadêmica Correspondente da Academia de Letras e Artes de Venda Nova do Imigrante. Acadêmica Correspondente da Academia Pan-Americana de Letras e Artes do Rio de Janeiro. Colaboradora da Revista Sarau (CE-Fortaleza). Membro do grupo "Escritoras Cachoeirenses". E membro nº 001039 da Academia Internacional de Literatura Brasileira - AILB.

Mário de Andrade desmistificando a preguiça...

Denilson Marques dos Santos

Mário Raul de Morais Andrade, ou simplesmente Mário de Andrade, era filho de Carlos Augusto de Andrade e Maria Luísa de Almeida Leite Morais de Andrade. Nasceu na cidade de São Paulo em 09 de outubro de 1893, tendo como irmão Renato de Andrade. Mário estudou piano desde cedo, tendo concluído o curso no Conservatório Dramático e Musical de São Paulo* em 1917, mesmo ano em que publica seu primeiro livro de poemas, ainda no estilo parnasiano, intitulado "Há uma gota de sangue em cada poema", com o pseudônimo de Mário Sobral.

*Conservatório Dramático e Musical de São Paulo (CDMSP) foi um conservatório e a primeira escola superior de música erudita e arte dramática do Estado de São Paulo, localizada no centro da cidade de São Paulo fundada em 15 de outubro de 1904, que oferecia bacharelado em música com foco na formação de atores com as habilitações em canto, composição, regência e instrumento e em arte dramática.

Foto: Divulgação

Para Mario de Andrade, o título deste livro reflete então a ideia de que a poesia e a arte em geral têm uma profunda conexão com a experiência humana na perspectiva emocional. Para o poeta, a intencionalidade da arte não está em ser apenas uma expressão estética, mas também uma manifestação intensa da vida, das lutas e das dores de quem as produz (cria), simbolizando que a obra literária é também uma forma de traduzir a realidade que muitas vezes para o escritor é algo complexo e doloroso.

Ainda em 1917, com a morte do pai, passa a trabalhar como professor de piano. Também atua como crítico de arte e fotógrafo, frequentando as rodas artísticas paulistanas, onde conhece Oswald de Andrade e Anita Malfatti, de quem se tornou muito próximo e com quem articulou a Semana de Arte Moderna (SAM) de 1922. Esta, com suas inovações estéticas musicais, literárias e artísticas, é considerada um marco para a cultura brasileira. Vale ressaltar que apesar de ter sido chamada de "Semana", ela durou apenas três dias.

Naquele mesmo ano, Mário publica "Paulicéia Desvairada" (1922), livro este considerado o marco do Modernismo Brasileiro. Paulicéia é o apelido de São Paulo, cidade natal de Mário de Andrade e onde o livro foi publicado. A tradução de Jack E. Tomlins, a única em inglês, traz o título "Hallucinated City" (Cidade Alucinada).

Essa coletânea de poesias se passa em São Paulo e está ligada à cidade de inúmeras formas, tanto artística quanto historicamente advindas das experiências do autor, no centro da cena artística de São Paulo, no ano que antecedeu a SAM de 1922 e colocou Mário como a principal figura literária também desse movimento.

Outra obra que merece destaque do polímata** Mário de Andrade é "Macunaíma, o herói sem nenhum caráter". Considerada pela crítica literária brasileira sua obra-prima, sua primeira edição foi publicada em 1928. Escrito em pouco tempo, mas fruto de pesquisas anteriores que o autor fazia sobre as origens e as especificidades da cultura e do povo brasileiro, a obra narra a história do herói índio Macunaíma, desde seu nascimento na selva até sua morte e transfiguração, uma trajetória movimentada e repleta de aventuras. Macunaíma é ajudado por seus irmãos e outros personagens, em busca de uma pedra mágica, o muiraquitã***, que havia recebido de seu grande amor, Ci, a Mãe do Mato, mas que fora perdida e acabara em posse de Piaimã, um gigante comedor de gente que vivia como abastado burguês em São Paulo. No transcorrer da obra, Macunaíma foi contaminado com a malária e passou boa parte do seu tempo deitado em uma rede e na companhia de um papagaio que ouvia suas histórias. Por fim, deixou de ter vontade de viver, subiu aos céus e se transformou na constelação Ursa Maior.

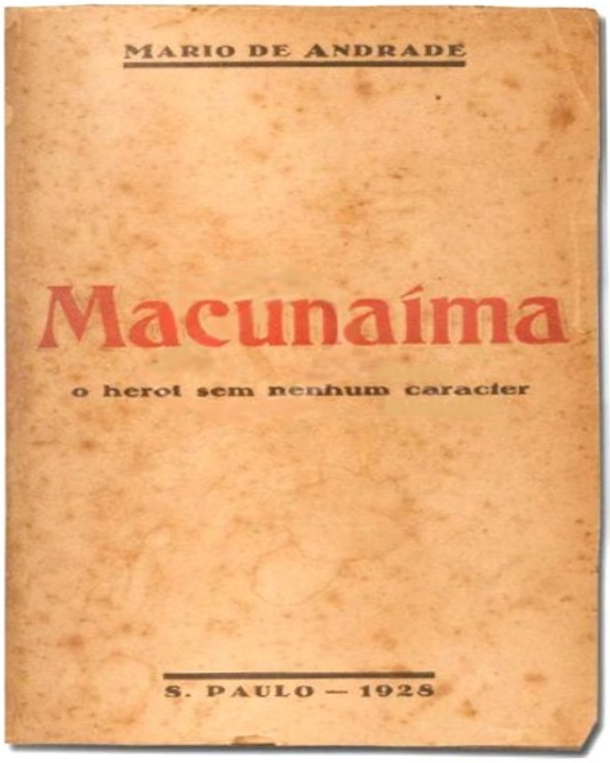
**Polímata (significa aquele que aprendeu muito). Nesta perspectiva Mário de Andrade é uma pessoa cujo conhecimento não está restrito a uma única área. Pois, detém um grande conhecimento em diversos assuntos, tornando-se escritor de poemas, crônicas, romances, ensaios, crítico de arte, fotógrafo, músico e professor universitário, entre outras.

***Muiraquitã é o nome dado pelos Povos Originários a pequenos amuletos que são símbolos de fertilidade, proteção e poder, eles têm a forma de um animal, geralmente representados por sapos, mas encontrados também na forma de tartaruga ou de outros animais. São feitos de pedras de cor verde (jade) ou de minerais como a nefrita e a amazonita.

Grande Otelo no filme "Macunaíma".
Foto: Divulgação

Pode-se dizer que Macunaíma é uma obra revolucionária na medida em que remodelou o ritmo vigente na literatura ao introduzir a linguagem oral dentro do literário. Há, no livro, uma ironia intencional à formalidade linguística, já que o protagonista se utiliza da frase: "Ai, que preguiça", na qual em uma só frase encontramos duas culturas, dois idiomas, uma onomatopeia e um pleonasmo. "Ai", originária do Tupi, significa estado de comportamento e a outra, "Preguiça", que advém do latim *(Pigritia)* e significa "aversão ao trabalho". Por isso o animal mamífero, "o bicho preguiça", recebe esse nome, por apresentar seus hábitos lentos e os faz de maneira supostamente preguiçosa. Assim, como Macunaíma que de tanta preguiça, só pronunciou sua primeira frase – "AI, QUE PREGUIÇA" – aos seis anos de idade. Na maior parte do livro,

a história é contada por um narrador observador, com exceção do epílogo, que é contado por um narrador personagem.



Capa da Primeira Edição em 1928
Foto: Divulgação

Em 1969, Macunaíma recebeu uma histórica releitura cinematográfica pelo diretor Joaquim Pedro de Andrade, na qual estrelou Grande Otelo. O filme foi um dos marcos do cinema novo brasileiro, vencedor de diversos prêmios no Festival de Brasília de 1969, com sua cópia restaurada e sem cortes, sendo exibida na mostra "*Cannes Classic*" durante o Festival de Cannes, em 2004.

Desmistificando a preguiça que o brasileiro tem, como muitos afirmam, Mário de Andrade costumava passar férias na fazenda de Pio Lourenço Corrêa, um intelectual autodidata que, além de tio, foi um grande amigo do escritor modernista.

Mário de Andrade teria escrito a obra em um mês (de 16 de dezembro de 1926 a 16 de janeiro de 1927), mês este que passava "descansando", por motivo de doença, na fazenda do "tio Pio", como carinhosamente o chamava.

Mário de Andrade foi vítima de um ataque cardíaco aos 51 anos e foi sepultado no dia 25 de fevereiro de 1945 no Cemitério da Consolação, em São Paulo. Próximo ao seu túmulo, estão os de outras grandes figuras da literatura brasileira, como Monteiro Lobato e Oswald de Andrade.

Denilson Marques dos Santos - Mestrando em Ciências da Religião pela Universidade do Estado do Pará (PPGCR/UEPA); Graduado em Pedagogia pela Universidade Estácio de Sá (UNESA); Membro do Grupo de Pesquisa (GP) Arte, Religião e Memória (ARTEMI/UEPA); Docente Efetivo da Secretaria Executiva de Educação (SEDUC-PA) e da Secretaria Municipal de Educação (SEMED-Ananindeua) / Ministrando as Disciplinas "Filosofia" e "Estudos de Religião"; E-mail: dede_cecilia@yahoo.com.b

O moderno tupiniquim

Sebastião Amâncio

A Mário de Andrade

A vida perfeita não há desde o tempo do antanho.
Sem camisa, sem causa, sempre do mesmo tamanho.
Fico a imaginar os porquês desse povo estranho.
Que nega seu ego pessimista, um peso medonho.
Sem brisa, sem alegria, um carma bisonho.
Mesmo assim se dizem avante do seu tempo.
Como aquele artista a controlar o vento.
Vivendo de amor e balançando o lenço.
Usa as palavras certas, inexatas, um invento.
E com pompa de herói consegue o intento.
Uma metralhadora ambulante a impressionar.
Relógio vívido com as horas a impulsionar.
Segredos guardados a sete chaves na sala de jantar.
Fingindo não ser o dono da verdade, vive a negar.
Até a hora da morte fica sentado na poltrona esperando a banda passar.

(Poema vencedor do VI Concurso Literário da ACLAOB – Academia de Ciências, Letras e Artes de Ouro Branco/MG).

Sebastião Amâncio é alagoano de Passo de Camaragibe e radicado na cidade de Palmas, no Paraná. Licenciado em Letras Português/Inglês pelo Instituto Federal do Paraná – IFPR. Autor de 'O menino do Passo' (romance); 'Cabra Marcado Pelo Destino' (romance); 'Roman e o silêncio da floresta encantada' (infanto juvenil) e 'Memorial Poético Brasileiro' (poesia). Participa ainda de várias antologias poéticas. Premiado em 2023 com o 1° lugar no VI Concurso de Poesias da ACLOB (Academia de Ciências e Letras de Ouro Branco/MG), na categoria nacional, com o poema 'O moderno tupiniquim'. É também professor na educação básica, nos componentes de língua inglesa e língua portuguesa e imortal da Academia Interamericana de Escritores (AINTE).

ALÉM DAS TRAMELAS

Grafite/papel

Amauri Flor é uma artista de Lagoa Seca-PB, começou em 1982 no Liceu Paraibano, em João Pessoa. Inspirado pela poesia de Chiara Lubich, desenvolveu um estilo surrealista/figurativo com grafite e nanquim. Premiado em 2012 pelo Salão de Artes Visuais do Sesc PB, segue expondo suas obras. Desde 2020, vive em Catolé do Rocha, retratando a paisagem da caatinga e a arquitetura Art Déco local.

Prisioneiro

C. Vagner Lucena

A Gabriel García Márquez

Como um condenado à prisão perpétua toda a noite no mesmo bar. Me pergunto do que minha vida é feita? Nada além de uma viagem só de ida e sem volta no ônibus circular pelo centro da cidade.

Imagem do autor

Para mim, não há mais a festa, sempre me sobram os trabalhos sujos, o álcool na cabeça... na cabeça, me ajuda a voltar. Um cigarro me ajuda a respirar um pouco. Eu paro para me sentar perto da caixa de som. Eu dei ao cara do balcão, meu copo vazio, ele encheu com fogo. Algum outro bêbado faz um discurso chato... muito chato.

Vejo as meninas dançando em troca de mais um raio no colo de um velho lupino, muitas vezes é possível ver a humilhação sob os pés delas. Eu jogo sinuca, pois não é da minha conta, as horas passam e as pessoas imitam os barcos saindo um a um, se perdendo no horizonte da esquina.

Finalmente, ela chega e passa por mim sem dizer uma palavra, sorri o tempo todo, que linda! Ela é uma ilha deserta, eu estendo minha palma da mão até a tela da caixa de som. Outra batida de coco na cabeça, o bêbado chato volta com sua mesma história repetida. Casca de coco, vazia, e a minha mente gira, os alto-falantes não pulsam mais na minha mão.

Agora eu sou o bêbado chato contando a mesma história, só que o cara do balcão já está me mandando sair. Mas, como cativo por opção, volto para esse mesmo bar noite pós-noite.

C. Vagner Lucena - Natural de Juazeiro do Norte–CE, resido em Fortaleza, me considero um cidadão do mundo. Eu sou um jovem (nem tão jovem assim) universitário de Filosofia (UECE). Estou me aventurando no mundo da literatura e testando os meus limites.

Pronto, te contei!

Maria Patriolino

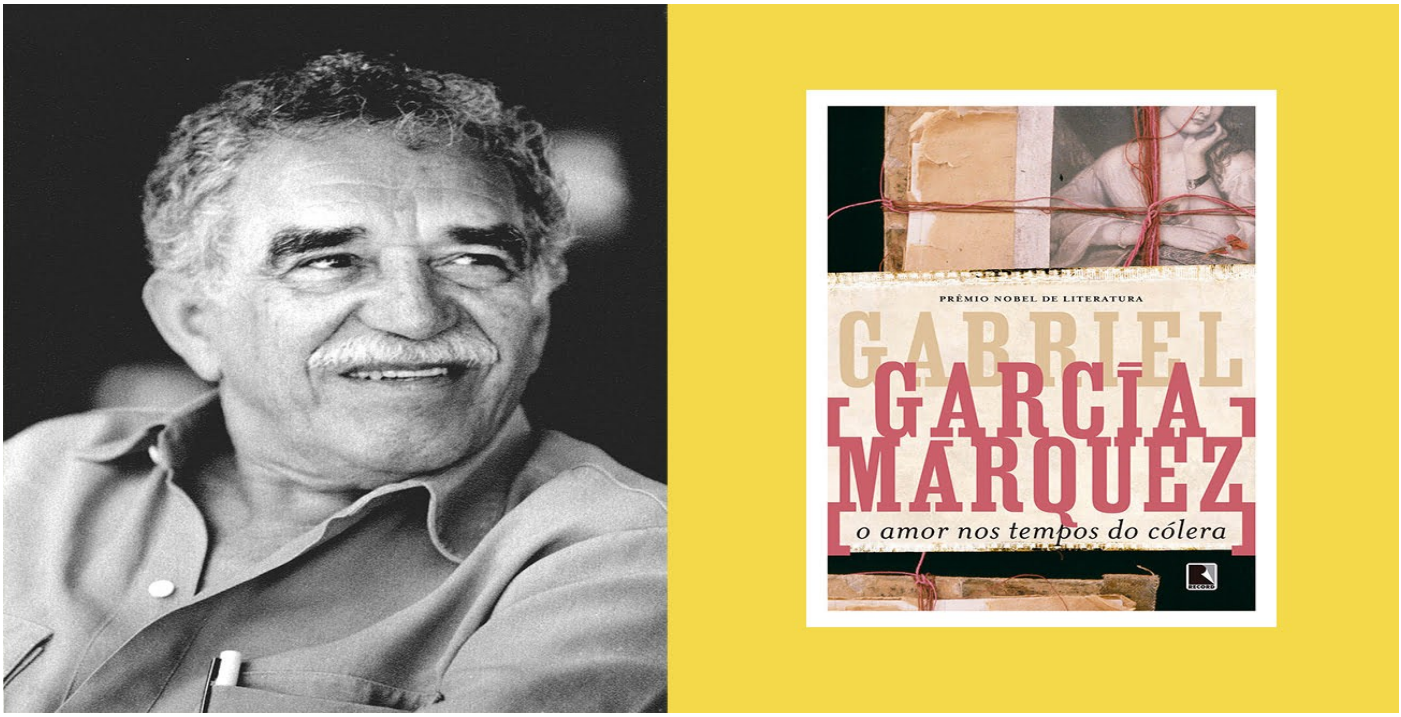


Foto: Divulgação

Algum tempo atrás em uma postagem no Instagram, me deparei com Gabriel García Márquez…e como é de praxe, parei para visualizar não me dando conta do que se tratava.

O fato é que a postagem era em "Espanhol", assim, logo que o minifilme terminou, me propus a fazer uma pesquisa mais longa e minuciosa.

Então, bora lá? Gabriel García é um dos principais autores do conhecido realismo mágico na Literatura Latino-Americana.

No seu currículo é escritor, jornalista, editor, ativista e político. Nasceu na *Colômbia*, e sem sombra de dúvidas é considerado um dos autores mais importantes do século XX.

O escritor foi materializado no recebimento, no ano de 1972, do Prêmio Internacional *Neustadt de Literatura* e, em 1982, do Prêmio *Nobel de Literatura.* Ele nasceu no dia 06 de março do ano de 1927, em *Aracataca, Colômbia*, e morreu em 17 de abril de 2014. Foi casado com Mercedes Barchay com quem teve dois filhos.

Vale ressaltar que aos 10 anos de idade, Gabriel já escrevia versos humorísticos, e por meio de uma bolsa de estudo, iniciou, no Liceu Nacional de Zipaquirá, quando tinha apenas 13 anos de idade.

Com o passar dos anos, em 1955, Márquez publicou seu primeiro livro, *A Revoada (O enterro do diabo),* e para quem não sabe, ano em que também venceu o primeiro prêmio no concurso da Associação de Escritores e Artistas.

Pois bem, falar do escritor García, é uma tarefa fácil, então, daria um livro bibliográfico, e para encerrar a conversa,

deixo um mini resumo do "O Amor em Tempos do Cólera", considerado um dos seus mais valiosos trabalhos da *Literatura Latina.*

O romance foi publicado em 1985, o *Amor em Tempos do Cólera* relata a história de amor que se estende por mais de 53 anos entre Florentino e Fermina Daza. O mais inusitado desse enredo é o fato de que, ao longo desse tempo todo, eles pouco tiveram contato físico, mantendo diálogo quase sempre por meio de correspondências.

O romance acontece quando Florentino, um funcionário dos correios, foi entregar uma carta na casa de Lorenzo Daza, pai de uma jovem chamada Fermina, por quem Florentino imediatamente se enamorou. A partir desse encontro, ele passa a cortejá-la por meio de cartas muito apaixonadas, o que desperta o amor da jovem pelo *carteiro*. No entanto, o pai de Fermina, ao descobrir quem era o pretendente da filha, mostra-se indignado, afinal, não poderia aceitar como genro um mensageiro dos correios. Para evitar que essa união chegue ao altar, Lorenzo envia a sua filha para a casa de um familiar que morava distante, além de também fazer ameaças a Florentino.

Quando Fermina retorna à casa do pai, não dá mais vazão às investidas de Florentino, o qual, não entendendo a mudança de comportamento de sua amada, sendo assim, passa a remoer, sofrendo de um amor não correspondido.

Outro fato muda o rumo da narrativa: a suspeita de que Fermina contraiu cólera*.* Nesse momento de enfermidade, a moça recebe as constantes visitas do médico Juvenal Urbino. Esse médico apaixona-se por sua paciente, que a princípio não demonstrou interesse por ele, porém, posteriormente se rende às suas investidas. Agora casados, Juvenal e Fermina têm vários filhos. Por outro lado, Florentino mantém-se solteiro e ainda é devoto do amor à Fermina.

Muitos anos se passam, e, apesar de casada, Fermina hora e outra pensa em como seria se tivesse casada com Florentino. Este, por sua vez, se envolve com outras mulheres, mas sem que se envolva profundamente.

O livro ficcional foi baseado na história real dos pais de Gabriel García Márquez. O pai do autor, Gabriel Elígio García, que era telegrafista, violinista e poeta, assim como o personagem de *O amor nos tempos do cólera,* se apaixonou pela jovem Luiza Márquez. O romance entre os dois, porém, enfrentou a resistência do pai da moça, o coronel Nicolás, que tentou impedir o casamento de sua filha, a enviando ao interior do país.

Não importa a distância, quando o amor é verdadeiro não há muralhas que os separe.

Maria Patriolino - natural de Sobral, CE. Escritora, poetisa, autora, coautora em diversas antologias brasileiras. Formada em Serviço Social, Pós-Graduada em Psicopedagogia.

Garcia Marques, o homem que sabia que ia viver

Arnaldo Ricardo do Nascimento

Na Jurema, município de Caucaia-CE, inverno 199... Morava na fronteira de Fortaleza. Livro capa dura, pequeno, escuro, não novo. De onde veio o livro? Tava na sala. Comecei a ler. Era assim, pegava o livro pra ler, era só aparecer. Era o realismo fantástico. Era Garcia Márquez. Título "*Crônica de uma morte anunciada*", quase me fez desistir de ler, não gosto de 190, chega de drama. Mas quando abri o livro, o Gabriel, abre a porta da América Latina, de um pouco de espanhol, (que estamos televisados a não gostar) ensolarada, úmida com pé de maracujá, nomes árabes.

Era diferente de tudo que eu já tinha lido; li o dia todo. Não me lembro. Comecei pela manhã, a Jurema tava úmida. Como assim? Uma morte anunciada? Saber do fim que ia ser de um rapaz? E sem saber se se ia cometer outra injustiça, e ainda destruir um romance? Mas o desenlace do Gabo, dizia que era assim nas histórias. É verdade. Aquele cotidiano do lugar, mostrado pelo autor, quebrado pelo que causava estranheza, a crueza de se saber, uma morte anunciada. Nos dando uma sensação de impotência, frente ao destino, aos fatos. O autor queria dizer algo. A injustiça de se cometer injustiça, querendo fazer "justiça", e nisso, neste turbilhão de institutos, sempre cabe para dúvidas e vítimas, que ficaram por sua vez, injustiçadas.

Mas do início ao fim, Garcia Márquez me encantou, e ainda aquela última frase realista fantástica, me marcou. "Teve mesmo o cuidado de sacudir com a mão a terra que tinha nas tripas". Era o sinal da inocência de Santiago Nasar. "- Mataram-me, menina Wene - disse ele."

Arnaldo Ricardo do Nascimento - fortalezense, casado, estudou em jardim de infância, escolas e universidades públicas. Formado em Biblioteconomia (UFC), Licenciatura em Filosofia (Uece); Especialista em Metodologia da Pesquisa Científica (Uece).

A ditadura chilena vista pelos olhos de um clandestino

Eduardo Fontenele

O livro-reportagem "A Aventura de Miguel Littín Clandestino no Chile", do ganhador do Nobel de Literatura de 1982, Gabriel García Márquez, trata da Ditadura Militar chilena, que guarda semelhanças com a brasileira, tema muito em voga no momento atual do Brasil, devido ao sucesso do filme "Ainda Estou Aqui".

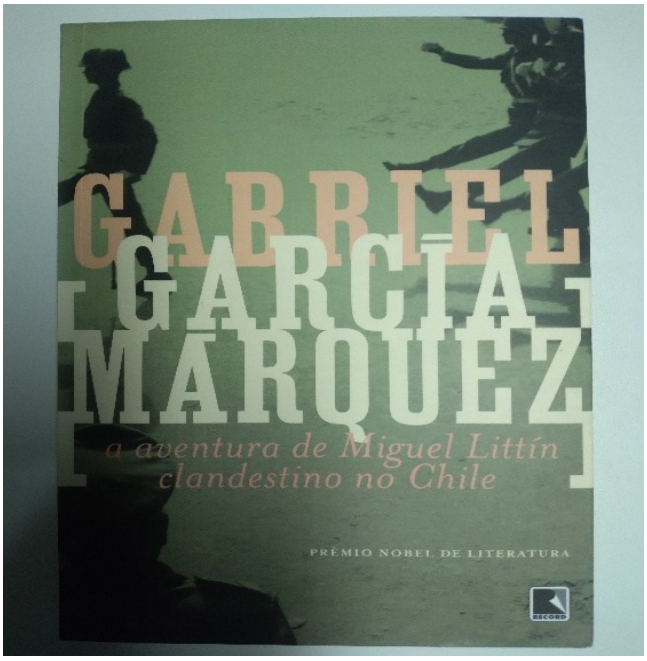


Foto: Divulgação

O autor colombiano entrevistou por quase uma semana, ou seja, 18 horas de fitas gravadas, para colher seu depoimento, o personagem que dá título ao livro. Miguel Littín é cineasta e participou intensamente da resistência ao golpe militar que assassinou o presidente Salvador Allende e afundou o país numa violenta ditadura, sob o comando do cruel general Augusto Pinochet.

Miguel se exilou na Europa e decidiu voltar ao Chile alguns anos depois para algo impensável e perigoso naqueles tempos: filmar um documentário sobre o Chile subjugado pelos militares. Para isso, ele mudou sua aparência para entrar disfarçado no país, falsificou seus documentos, mudou de identidade e nacionalidade; e trouxe equipes de várias nacionalidades para ajudá-lo na filmagem.

Durante o livro-reportagem, por várias vezes, Littín correu sério risco de ser descoberto pelos "*carabineiros",* que era como eram chamados os soldados encarregados de fiscalizar as ruas durante a ditadura chilena. O livro é um verdadeiro jogo de gato e rato entre Littín e os militares do regime de exceção. Ele sempre um passo à frente de seus perseguidores, e sempre conseguia ludibriá-los. Littín nem sempre seguia as regras estipuladas pela resistência e acabava por se colocar em risco em vários momentos. Ele não foi prudente como deveria ser em muitas situações, o que seria até irresponsável de sua parte, arriscar todo o planejamento feito para ludibriar os militares.

Littín teve ainda a audácia de filmar dentro do *Palácio La Moneda*, sede do governo golpista. Ele chegou a ficar frente a frente com o general Augusto Pinochet. Ele comenta, na narrativa em primeira pessoa do livro, que se

quisesse, ele teria matado o general ali mesmo.

Littín estava proibido de ter contato com seus parentes que ainda viviam no Chile, porque ninguém podia saber de sua estadia no país, pois sob tortura, não poderiam identificá-lo com sua nova aparência.

Uma subtrama que percorre boa parte da narrativa são as tentativas de Miguel de conseguir uma entrevista com uma fonte chamada de "General Eletric", que era um general que discordava discretamente do regime de repressão instalado no Chile. Ao final do livro, Miguel tenta uma última investida para conseguir o depoimento do dissidente.

García Márquez bebeu da fonte do jornalismo literário para compor seu livro. Principalmente do Novo Jornalismo norte-americano dos anos 60. Autores como Truman Capote, Gay Talese, Norman Mailer, e Tom Wolfe foram suas referências. O colombiano teve uma rica participação na imprensa em paralelo com suas atividades de romancista. Uma parte de sua obra se enquadra como não-ficção. Márquez escreveu obras jornalísticas como "*Notícia de um Sequestro*" e "*Crônica de uma Morte Anunciada*". Ele também escreveu sua autobiografia "*Viver para Contar*" e reportagens e críticas de cinema em veículos de imprensa de vários países.

Apaixonado por cinema, *Gabo*, como era conhecido pelos íntimos, era um cineasta que escrevia livros. Ele criou até um curso de cinema em Cuba para formar profissionais da Sétima Arte. O nome do curso é *Escola Internacional de Cinema e Televisão em Cuba*. O objetivo da escola é apoiar jovens futuros cineastas da América Latina, Caribe, Ásia e África. Rodrigo García, seu filho, é cineasta.

Gabo desenvolveu demência senil no final da vida, que o impossibilitou de escrever. Seu último livro publicado, em vida, foi "*Memória de Minhas Putas Tristes*". Recentemente, surgiu uma polêmica devido a uma publicação póstuma do livro "*Em Agosto nos Vemos*", que Márquez não queria que fosse publicado, por considerá-lo aquém de seu reconhecido talento. Seus filhos desobedeceram a seu desejo.

Gabriel García Márquez morreu de pneumonia em 2014. Suas influências literárias foram Ernest Hemingway, William Faulkner, Franz Kafka, as "Mil e Uma Noites", Fiódor Dostoiévski etc.

Eduardo Fontenele - publicou os livros de contos "Abstrações" (2017), "A Morte de Benjamin Siegel" (2020) e o romance "O Mártir Excêntrico" (2020). Contato: @robertoeduardogon; robertoeduardo33@gmail.com

Gabo – o rei de Macondo

Lucirene Façanha

"O livro sempre será muito maior que todos nós e vai gerar muito mais imagens do que podemos recriar", destaca Laura Mora, a diretora colombiana, da série adaptada da obra Cem Anos de Solidão, de Gabriel Garcia Márquez.

Entendo a literatura como um produto social, uma via pela qual o escritor expressa sua voz, sua opinião. Fruto de um tempo. Um contexto específico. Integra-se à sociedade, sua historicidade.

Ao destacar o papel da mulher na sociedade latino-americana, com espaço de atuação, Gabriel García Márquez demonstra, em suas construções literárias, o modo de ser de suas personagens. Suas maneiras de ser, entre outros aspectos importantes, seriam um meio de interligação entre o que ele escreve e o mundo social ao qual ele pertence. O literato, antes de tudo como um ator social, preocupado com o que ocorre à sua volta, exprime suas opiniões, seus anseios. Sua obra possui um viés político-social com novas visões acerca de determinados temas e problemas. Gabriel García Márquez apresenta aos seus leitores uma visão diferenciada sobre mulheres. Permite, assim, importância e destaque.

"Para as moças de Macondo, aquela brincadeira nova era motivo de risadas e sobressaltos, de sustos e zombarias, e de noite se falava do passeio como uma experiência de sonho. Era tal o prestígio daquele silencio que Ursula não teve coragem de privar Remédios, a bela, da diversão e lhe permitiu ir numa tarde, desde que pusesse um chapéu e uma roupa adequada. Assim que o grupo de amigas entrou na plantação, o ar se impregnou de uma fragrância mortal. Os homens que trabalhavam nas valas se sentiram possuídos por uma estranha fascinação, ameaçados por um perigo invisível, e muitos sucumbiram à terrível vontade de chorar". (Cem anos de Solidão.pag.226)

Outro aspecto importante é a configuração político-social das obras do colombiano. Desta maneira, sua voz passa a ganhar peso e importância dentro do cenário da América Latina e do mundo. Possibilita, aos seus dizeres e opiniões, que suas visões e críticas ganhem espaço e aceitação, como também estejam suscetíveis a críticas de oposição. Seus livros contam mais que uma mera estória. Ao contrário, integra-se o ficcional à sua real história, ao seu contexto político, social, econômico e cultural.

"De um dia para outro, por diferentes razões – algumas demasiado frívolas – comecei a melhorar de roupas, cortei o cabelo feito um recruta, afinei o bigode e aprendi a usar sapatos.... Pela dinâmica inconsciente do alpinismo social .... Hoje sei que minha aparência de mendigo não se

devia à pobreza, nem porque eu quisesse parecer poeta, mas ao fato de todas as minhas energias estarem concentradas a fundo na obsessão de aprender escrever". (Viver para Contar. Pag. 368)

Construiu a si mesmo e buscou obstinadamente esse lugar de importância na história do continente. Essa intenção deliberada de "fazer-se" nasceu, sobretudo, da enorme capacidade que o autor possuía de ler o contexto histórico em que atuava e converter os assuntos aparentemente mais importantes e também mais triviais em relatos e anedotas. Tudo isso, obviamente, sempre acompanhado de uma cota bastante calculada de astúcia e projeção

Ele foi um dos escritores mais influentes do século 20, que criou mundos ricamente imaginados, repletos de realismo. Segundo ele, a partir de imagens simples, retratadas pelos avós, responsáveis por contar-lhe muitas histórias e lendas. Apesar de formado em direito, enveredou pelo jornalismo, obtendo sucesso. Abandonou empregos fixos para se dedicar à literatura, que lhe deu muitas alegrias e prêmios. A versão contada por ele de Cem anos de solidão para publicação o faz mais aclamado em todos os países.

"Poetas e mendigos, músicos e profetas, guerreiros e malandros, todos nós, **criaturas daquela realidade desaforada**, tivemos que pedir muito pouco à imaginação, porque para nós o maior desafio foi a **insuficiência dos recursos convencionais** para tornar nossa vida acreditável. Este é, amigos, **o nó da nossa solidão**" (Discurso quando do prêmio Nobel)

García Márquez foi o rei de Macondo, um dos escritores mais importantes e influentes da América Latina. Mas, não apenas isso. Foi um dos autores mais populares, queridos e requisitados do continente. Nos anos em que ainda vivia a plenitude do ofício literário chegou a ser comparado com Cervantes; e não foram poucos os escritores, jornalistas e críticos literários que atribuíram à sua obra uma estatura bíblica e universal.

Lucirene Façanha se fez escritora nos projetos do SESC, embora escrevesse desde criança. Pilhas e pilhas de diários e cadernos amarelados do conhecimento apenas de sua mãe. Graduada em história, com especialização em ensino, tem dois contos longos em e-book na Amazon: O Elo e Silencio sobre o algodão. Livros físicos: O Homem na Janela, Hecatombe e Pedro e a noite de são João.

ARCO DE EROS

fotografia digital

Carlos Nascimentto - Professor Pedagogo, Especialista em Educação, Pós-Graduado em Planejamento, poeta, escritor e artista visual. Membro do Cecordel, ACE, UBT e outras.

COLUNA CLICS DO SERTÃO

José Roberto Morais
Contato: joserobertos2013@gmail.com

A Coluna Clics do Sertão apresenta os Tributos Literários a Amélia de Freitas Beviláqua, Gabriel García Márquez e Lucas Evangelista. Além dos tributos, traz produções literárias de Jasmine Gonçalves (crônica) e Gerlane Cavalcante (conto).

SOBRE DESPEDIDAS

Jasmine Gonçalves

Nada óbvio no universo nos prepara para uma despedida. Para falar a verdade, as despedidas mais memoráveis acontecem em dias comuns, dias sem nada de surpreendente ou qualquer coisa que o torne diferente de todos os outros. Quando menos se espera, vemos o último sorriso, o último brilho nos olhos e, em casos raros, um último eu te amo. E tudo começa a se desfazer, não existem mais "bom dia", dormiremos sem o rotineiro "boa noite" enfeitado de clichês e quando de longe, as várias mensagens de coração.

Durante os primeiros dias a ficha ainda não cai, e a esperança de tudo não ser apenas a vida pregando uma peça é quase palpável, e se torna uma companheira constante no tempo que passa cada vez mais devagar e cruel, e até as lembranças mais alegres trazem consigo uma tempestade de lágrimas, preenchida de insuficiência e questionamentos, na busca infrutífera de justificativas para um fim.

Com o decorrer de semanas e meses a dor ainda se faz presente. Porém, não com a mesma constância de antes. Ela se torna uma teimosa inquilina sempre fazendo morada em cheiros e lugares. Uma vez ou outra invadindo o subconsciente com risadas e dias chuvosos que não passam de agora em diante, apenas de boas memórias de algo distante. E a vida segue quase que perfeitamente seu curso, mas ganha algumas cicatrizes que com o tempo são deixadas no passado.

Nesse curto espaço de existência, descobrimos o quanto por inúmeras vezes a vida pode ser apenas uma história recheada de vírgulas. Pois, da mesma maneira repentina que nos despedimos, em determinado momento nos reencontramos, e tudo retorna de súbito, sem avisos, e com uma carga emocional incompreendida e jamais explicada em toda existência da humanidade.

Nesses momentos descobrimos quantas vezes as relações humanas se

findam ou são interrompidas sem terem esgotado seu potencial de possibilidades para ainda existir. E não por outra razão, o que não se esgotou clama por emergir ainda mais forte e, muitas vezes ameaça ocupar, e várias vezes ocupa, seu lugar de direito. Nessas horas, descobrimos que o maior dos egoístas é o apaixonado, que ao dedicar tudo de si em restabelecer laços, alimenta a própria necessidade, seja de sofrimento, paixão, felicidade ou meramente fantasia.

Quando se aproxima mais uma vez a inevitável despedida, nos deparamos com uma verdade cruel, um assassino que ceifa praticamente a vida de suas vítimas. Chama-se "amor não correspondido" e, nesse caso, eu sou bastante experiente. A grande maioria das histórias de amor fala sobre grandes reencontros e o inesquecível "viveram felizes para sempre". E quanto aos demais? E as histórias reais? Aquelas que nos apaixonamos? Estamos presos em histórias unilaterais, em vias de mão dupla, reféns das reticências. As vítimas deixadas à deriva, os personagens sem pontos finais. As histórias sem um final designado.

Jasmine Gonçalves – Cronista iniciante e poetisa campossalense. Estudante de Ciências Contábeis na Instituição Anhanguera. Coautora em "Vestígios de Amor" (poemas, 2021) e "Sempre choro de saudade na noite de São João" (literatura de cordel, 2020).

NENHUMA VELA PARA DÁRIO

Maria Gerlane Cavalcante

Era noite e quase chovia. Quase ninguém pelas ruas, além do medo. O terror espalhado pelas telas. "Não saiam de casa", diziam uns, "Estão arrombando as casas", diziam outros. A crescente violência urbana, somada à greve policial agravou a insegurança da população e os aplicativos de mensagens facilitou a comunicação e o compartilhamento de notícias com bastante terror e comoção.

Ouvimos barulhos estrondosos inconfundíveis próximos de casa. Ninguém nem contava mais, aliás, dizem que faz mal contar mortes, pois chama mais.

Embora todo o contexto de medo, não demora para que as investigações e especulações comecem. Poucos minutos depois ouvimos pessoas correndo na rua e conversando:

- Quem foi?

- Um menino lá do outro bairro. Tava na calçada, passaram de moto e ele ficou caindo.

Estávamos aguardando uma visita em casa, que chegava de viagem justamente no momento da aglomeração. Ao abrir a porta, deparei-me com várias pessoas seguindo em direção à outra rua. A visita me ligou dizendo que não conseguia chegar, o caminho estava interditado. Precisei ir ao seu encontro.

Da esquina já vi, descendo pela rua um corpo no chão, uma pessoa

acocorada logo próximo, alguns curiosos e investigadores ao redor e a polícia civil interditando a rua com as temidas faixas listradas.

Especulava-se o que seria feito. Não havia muito. Também vinha ameaça de chuva. Era só aguardar o rabecão.

Aos poucos a multidão se desfez de volta a suas casas.

O corpo continuava no chão e só lembro da cena da moça do lado.

Logo começou a chover e na minha cabeça só surgia a cena adicionada de pesadas gotas de chuva.

As portas se fecharam, o corpo sem vida ficou estendido sob um lençol.

Lembrei de Dalton Trevisan, também chovia, mas dessa vez, dada a realidade crua e aterrorizante a que aquele pedaço de humanidade havia chegado, nenhuma vela para Dário.

Maria Gerlane Cavalcante – Psicóloga, contista e cronista campossalense. Técnica em Comércio pela Universidade Estadual do Ceará; Psicóloga graduada pela Universidade Federal do Vale do São Francisco. Atua na área clínica, escolar e educacional. Atualmente, cursa especialização em Impactos da Violência na Escola pela Fundação Oswaldo Cruz (FioCruz). Coautora em "Poetas e poesias" (2011) e "Somos Escritores: jovens que escrevem" (2019).

AMÉLIA BEVILÁQUA: ÁS NA LITERATURA

José Roberto Morais

Nasce Amélia Beviláqua
Em solo piauiense
E como um rio deságua
Na capital maranhense.
Mil oitocentos e sessenta
Veio ao mundo muito atenta
Lá na fazenda Formosa;
Jerumenha, a cidade
Berço na sociedade
Pra história gloriosa.

Seu pai, desembargador
Enviou-lhe a São Luís
Como seu progenitor
Magno futuro lhe quis.
Ao chegar à capital
Colaborou no jornal
Da escola, publicando;
Em prosas e poesias
Denunciava em seus dias
E normas foi derrubando.

Pra Recife se mudou
Escrevendo pra Revista
Redatora se tornou
Conhecida jornalista.
Tornou-se a pioneira
Pra Academia Brasileira
De Letras, candidatou-se;
Foi causar agitação
Não havia permissão
O imortal justificou-se.

Seu nome reconhecido
No universo literário
Influente, seu marido
Apoiando no cenário.
Tornou-se magna escritora
Numa importante editora
Suas obras, publicou;
Ocorre a superação
Literária projeção
Mais mulheres, inspirou.

Escreveu as “Impressões”
“Angústia” e “Açucena”
Fez suas “Divagações”
“Através da Vida” em cena.
Obteve seu estrelato
Uma “Flor no Orfanato”
Com “Alma Universal”;
“Alcyone” e “Aspectos”
São seus destaques diletos
Pra crítica nacional.

“Literatura e Direito”
Enfrentando estereótipos
Pra vencer o preconceito
E mensuráveis fenótipos.
Contra a invisibilidade
Demonstrou ser na verdade
Um talento perspicaz;
Rompendo cada barreira
Escritora brasileira
Na literatura um ás.

GABRIEL GARCÍA MÁRQUEZ: NOBEL LITERATO

José Roberto Morais

Gabriel García Márquez
Escritor colombiano
No romance fez embarques
Seguiu avante seu plano.
Na Aracataca nasceu
Colômbia foi berço seu
Por Luísa a genitora;
Tendo Gabriel García
Seu papai com alegria
Na família acolhedora.

Os primeiros anos viveu
No lar dos avós maternos
Sua infância conviveu
Em abraços tão fraternos.
Mais tarde sua família
Mudou-se pra Barranquilla
A cidade cultural;
Dois milhões de habitantes
Uma das mais importantes
Por seu grande carnaval.

Começou logo estudar
No Liceu Nacional
Onde pode aprimorar
Conhecimento cultural.
Aos dezessete de idade
Despertou habilidade
Decidiu ser escritor;
Após ler "Metamorfose"
Percebeu a simbiose
Da vovó com seu autor.

Direito e Ciência Política
Na Universidade Nacional
Despertou a sua crítica
Pra publicar no jornal.
Começou na narração
"A Terceira Resignação"
Depois veio a "Revoada";
Anos depois publicado
Um romance premiado
"O Veneno da Madrugada".

E por ter colaborado
Na guerrilha colombiana
Noutro país exilado
Lá na terra mexicana.
E nesse degredo seu
Nessa época escreveu
Seu romance popular;
"Cem Anos de Solidão"
Recebeu premiação
Obra-prima exemplar.

As lembranças pessoais
Com fatos extraordinários
Destaques nacionais
Em registros literários.
Marco na literatura
De relevante leitura
Exercendo seu papel;
Tornando seu escritor
Honoris Causa, Doutor
E vencedor do Nobel.

TRIBUTO AO MESTRE LUCAS EVANGELISTA: PARÓDIA DE "CARTA DE UM MARGINAL"

José Roberto Morais

Recebi pelo *WhatsApp*
Mensagem de um hospital
Quando li o texto todo
Confesso me senti mal
Constatei que era verdade
Ao consultar o jornal.
Falava sobre um poeta
Que fez partida pra Glória
Na cidade Crateús
Registrou sua história.

Foto: Reprodução

Cantou repente e poema
Escreveu, compôs canção
Era Mestre da cultura
Destaque na região
Teve o reconhecimento
De toda população.
Cantou "Fim de Casamento"
E "Carta de um Marginal"
"O Sonho de um Cantador"
Também "Briga de Casal".

Escrevia seus cordéis
E transformava em canções
Em dueto com Luzia
Fazia interpretações
Transmitindo as mensagens
Sempre cheias de emoções.
"Vaqueiro Que Fez de Tudo"
"O Casado e o Solteiro"
"O Sufoco do Real"
E "A Rosa e o Cardeiro".

Publicou vários romances
Poemas sobre o sertão
Inspirou muitas histórias
De cultura e tradição
Algumas delas tiveram
Berço na religião.
Cantou "O Tostão de Chuva"
E "O Homem Que Zombou
de São Francisco", o santo
Que tanto lhe inspirou.

Luzia Dias formou
Com Lucas a parceria
Cantando seus desafios
Belos versos e melodia
Levando pelo sertão
O cordel e a cantoria.
"Saudação ao Dia das Mães"
E "A Menina Sofredora"
A "Lembrança de Helena"
Uma história inspiradora.

Na vida deu voz a muitos
Vivia sempre a cantar
Compositor, repentista
Foi artista popular
Um poeta violeiro
Pra cultura divulgar.
E nesse mês de janeiro
Ele fez sua partida
Viagem realizada
Que só vai quem não tem vida.

José Roberto Morais - Professor, poeta, cordelista e escritor araripense. Colunista da Revista Sarau e Membro Fundador da Academia Cearense de Literatura de Cordel (ACLC). Autor dos livros: "50 Sonetos", "Reforma Agrária e o Boi Zebu e as Formigas: uma análise sociológica", "Fantástico Mundo da Leitura" e "Veredas do Cordel"; e coautor em algumas antologias. Em projetos de leitura e escrita, publicou com seus discentes as obras "Somos Escritores: jovens que escrevem" (2019) e "Trilhas da Leitura" (2023).

SOPHIA JAMALI SOUFI

compatibilidad

En el ajetreo de la noche
Tu cuerpo se adapta a mi
Cada parte de mi
ser esta manchada con tu olor
beso tus heridas
abrazo tus dolores
Y en mis sueños te tejo poesía
En medio de la separación
lo que no se puede decir
solo los besos entienden...

alivio

Tus ojos son la apertura de luz entre la oscuridad y la noche
abrázame en tus brazos
Deja que tus labios se envuelvan en los míos
Y deja que tus manos cubran todo mi ser
Deja que el cuerpo descanse sobre el cuerpo
Y los besos curan las heridas...

Sophia Jamali Soufi (Rasht, Irán). Estudiante de arquitectura. Empezó a escribir poesía y se interesó mucho en leer libros desde pequeña. Sus principales poemas están en farsi y su traducción al español, alemán y turco. Ha sido publicada en muchas revistas.

A fonte

Gerson Augusto Jr

Tenho desertos onde
sepultei ilusões
E
vicejam ausências indefinidas

Ausências revelam minha
incompletude ancestral
E
minha irrenunciável vocação
de
peregrino

Cheguei ao mundo
para caminhar

Ando procurando nomear
o que me falta
Quase sempre não encontro
a palavra certa
O pensamento balança
suspenso nas teias do indizível…

Às vezes suspendo o cotidiano
com os laços da poesia
Olho para o céu
recebo recado dos astros
guardo no baú dos silêncios
E
Faço pedidos a estrela cadente

Aquilo que é divino
possui a liberdade da luz
balança com o mar
canta com a chuva
corre com os rios
brilha com as estrelas
ilumina com o sol
prateia com a lua
Voa feito
seres brincantes
no colo das nuvens....

Tenho uma fonte de água perene
onde um menino cultiva
jardins
brinca com peixes encantados
lápis de cores
um cavalinho de madeira
E
pássaros que cantam
saciando a sede….

As flores bailam
nos braços do vento

pétalas caem
mudam com as estações
Novos ciclos
começam lentamente

Tudo se molda na forja do tempo
O passar dos anos clareiam
E
descortinam a impermanência
das aparências
que emolduram os contornos
da
existência…

Eterno é o sopro do mistério
despertando sementes

Sem latência
a vida não germina

Esperar é sublime
movimento nas engrenagens
do grande movimento…

Sou peregrino…
Caminho entre desertos
jardins
flores
pássaros
lápis de cores
peixes encantados
o cavalinho de madeira
E
a fonte de água perene

Caminhar é minha vocação
primeva
Desde sempre caminho
entre memórias
Quando estou perdido
o menino aponta a direção
Traça rotas coloridas
na
cartografia dos sonhos

O menino ignora desertos
vai pelo mundo com seu
cavalinho de madeira
E
embala descobertas
no galope da imaginação….

Gerson Augusto Jr. nasceu em Fortaleza em 1966. É antropólogo e professor da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Participou de coletâneas literárias e concursos de poesia. Teve seus poemas selecionados pelo concurso literário do Ideal Clube nos anos de 1998 e 2001.

Ar Que Respiro

Costa Senna

Pura e eterna gratidão
Aos que lembraram de mim,
O bem da gentil ação
Me mantém mais forte sim.
Descreve minha certeza
Que essa incansável nobreza
Vai espantando meu fim.

Me consagram nesta data:
Família, parente, amigo,
Esse grupo, tão bonito,
Espiritualmente eu sigo.
Deste afetuoso laço,
Recebi um forte abraço
Que acorda e dorme comigo.

Amada gente querida
Que eu sempre mais admiro,
Os parabéns que recebo
Ornamentam meu retiro.
Ouvi num sonho outro dia,
Que sem vocês não teria
O próprio ar que respiro.

Todos esses parabéns,
Transformaram meus temores
Em fervorosos presentes
De abraços, risos e flores.
Fazem meu ser poetar,
Ficar nu e mergulhar
Nas ondas dos esplendores.

Cultiva o resplandecer
Na sólida força do bem,
E faz florir muito amor
No terreno onde não tem.
Me vacino de humildade,
De respeito e de bondade
Em cada um parabém.

É a força dessa amizade
Que vai nos eternizar,
Ao colo do infinito
Nos leve pra contemplar
De forma mais merecida,
As coisas boas que a vida
Vive a nos presentear.

Gratidão seres humanos
Que constroem o meu legado
E me ajudam a vencer
Um mundo globalizado,
Venho lhes agradecer,
Humildemente dizer
O meu muitíssimo obrigado.

novembro de 2024.

Costa Senna é cantor, ator e poeta. O seu trabalho é composto por literatura de cordel, música, provérbios, 'causos', informações e brincadeiras que formam o universo cultural brasileiro

Poesis

Giovanna Barros

Feliz ano novo

Feliz ano novo
Pra quem?
Feliz novas 366
Oportunidades
Pro povo

Novo ano
Novos tempos
Nova vida

Seja você também
Uma nova pessoa
Feliz 2025
Feliz você novo

Passarinho

Sou passarinho
Quero deixar o ninho
Mas aqui é tão quentinho

Quero ver se é mesmo
Verde a grama do vizinho
Quero encontrar meu próprio caminho

Ansiedade

Tá difícil
Desligar o cabeção
Escutar o coração

Sentir
Sentir
Sentir

Quem disse que seria fácil
Esquecer as aparências
Voltar pra essência

Giovanna Barros é farmacêutica e mestranda em ciências médicas pela Universidade de Fortaleza (Unifor). Integra o coletivo mulherio das letras, mulheres poesis e clube de amassadores. Membro da Academia Independente de letras (AIL) e da Academia de Belas Artes do Rio Grande do Sul (ABARS).
Instagram @giovannafba_ @giovannafba_escritora

Dorme gigante!

Vera Marques

Dorme gigante, o Brasil quer paz!
Dorme, gigante, o Brasil tem o que fazer!
Dorme gigante, o Brasil quer liberdade!
Desde que acordou, o povo pirou!
Por vinte centavos, com violência se manifestou.
Desde que acordou, o povo pacato se revoltou
Sem saber nem bem o com o que.
Gigante de pedra, o coração de muitos petrificou.
Armas nas mãos do povo você colocou!
A Pandemia ignorou.
Faltou ar para o povo de Manaus!
Faltou vergonha no Planalto Central!
Gigante mal-educado, colocou o povo em curral.
Que cercado maldito, espalhava o mal.
Risadas infames a zombar das dores!
Frases malditas insuflando o ódio!

Dorme gigante e vê se não acorda mais!
Os quartéis militares precisam defender a nossa Pátria!
A Floresta Amazônica quer renascer!
Nossos Povos Originários merecem viver!
Porque, gigante de pedra, odeia tanto os pretos, pardos e pobres?

Dorme gigante e não pisa mais na gente da favela!
Você dormindo, é mais útil. As árvores crescem ao seu redor.
As cachoeiras e rios correm com mais força.

Dorme gigante, que o Brasil quer crescer.
Mais empregos, mais educação e saúde para toda a nação!
Dorme em cima das pedras preciosas que tanto gosta!

Para que garimpo nas terras Yanomamis?
Por que quer poluir e matar os rios?

Dorme gigante defensor de ditadores assassinos!
Dorme gigante protetor de milícias!
Quero ver o seu corpo deitado na montanha!
Pare de teimar, gigante!
Volta a dormir em paz!
Sua silhueta deitada é bela!
O Brasil está aos poucos voltando à vida.
A Democracia está aos poucos se fortalecendo.
Nossas lutas são em defesa da vida
Em defesa de qualquer vida.
Todas as vidas importam.

Dorme gigante, que o Brasil tem o que fazer.
Lavar a lama que tuas pegadas deixaram.
Limpar as fraudas defecadas que espalhou pelo mundo.
O Brasil quer voltar à vida, e vida em abundância.

Dorme gigante que o Brasil é do seu povo e não seu.
Dorme em berço esplêndido, que nós
de longe ficaremos a vigiar o teu sono.
Dorme de e deixa em paz a nossa
Pátria amada Brasil!

Vera Lucia Marques Araujo nasceu na Serra da Meruoca, Ceará no ano de 1962. Formou-se em Pedagogia pela Universidade Federal do Ceará em 1990. Participou como expositora na XIV Bienal Internacional de Fortaleza com a obra Pirambulando no Tempo da Ditadura Militar. Em 2023 participou do Prêmio Carolina Maria de Jesus com a obra Petrô- Uma Mulher que Rompeu o Tempo, ficando entre as finalistas. Sua terceira obra, o infantil Conta Outra, Vó, foi selecionada no Edital Paulo Gustavo- Secultfor de publicação. O livro Pirambulando foi selecionado no Edital de aquisição para as Bibliotecas Públicas do estado do Ceará.

É TEMPO! VEM!!!

Rita Brígido

Saio da ‘Tabacaria’, com ‘todos os sonhos do mundo’!
O ocaso das certezas... as ‘mansardas' do nada... o ‘comboio’ moribundo.
A ‘solistência’ rosa do crepúsculo... ‘a fileira de carruagens’ em descompasso.
NÃO, solidão de tudo! Não mais entorpecerás meu passo!!!

Fui concebida na noite aguerrida da greve dos anjos da anunciação.
Nem o ‘barroco’, nem o ‘torto’, nem o ‘esbelto’, nem o ‘louco leitor de mão’,
nem o ‘chato do querubim' ... nenhum por mim! Tive que me traduzir,
eu mesma, entre a DOR e o AMOR de EXISTIR e RESISTIR!!!

Sou eu, no espelho... sou o além de mim... sou cada um... SOU O PLANETA!!!
A que toca a ‘marimba’, o ‘quissange', o maracá...e faz soar a ‘trombeta’:
PAREM a exclusão da pessoa com deficiência, a violência infantil, a homofobia!
PAREM o sexismo, a misoginia, o racismo, a xenofobia, o ageísmo, a aporofobia!
PAREM a intolerância religiosa, a devastação da natureza, o massacre das etnias!!!
PAREM o joelho que asfixia! Floyd sem ar: “Não consigo (não conseguimos) respirar!
PAREM o punhal! A ‘lua’ da vida ‘que menstrua’ até a morte! De sangue, o próprio lar!
PAREM o ‘pântano enganoso’ da indiferença: podium de toda a barbárie! Urge AMAR!

É tempo de SER! E de ALTERIDADE! ‘É tempo, companheira’, de SORORIDADE!
Tempo previsto de nós ancestralizar! ‘Tempo’ evaristo ‘de nos aquilombar’!
‘Havemos de voltar’ à floresta... e o canto da graúna ‘fiandeira’ ouvir!
VEM aprender, comigo, a PALAVRA! E a essência do R-EXISTIR!
VEM! SOU O GRITO DA LIBERDADE! SOU O BRADO DA REBELDIA!
Sou a que ‘SAI PARA A LUTA’! Eu, a ‘DESDOBRÁVEL’! EU, A POESIA!!!

* Poema vencedor do V Festival de Poesia de Lisboa.

Rita de Cássia Brígido Feitoza é licenciada em Letras e bacharel em Direito pela Universidade Federal do Ceará (UFC); pós-graduada na área jurídica, pela Universidade de Fortaleza (UNIFOR). Palestrante literária, integrante do Mulherio das Letras Portugal e da Ala Feminina da Casa Juvenal Galeno (ocupante da cadeira n. 45, cuja patrona é Clarice Lispector). Em sua trajetória, êxitos em concursos literários nacionais e internacionais (1º lugar do V Festival de Poesia de Lisboa; dentre outros) e a publicação de seus poemas e textos em antologias lusófonas, coletâneas brasileiras, jornais/suplementos literários, revistas acadêmicas e institucionais.

Escombros

Rafa chagas

O riso por trás das bocas
O querer preso na voz rouca
A força que se mostra pouca
O filete de luz que se perde
Na imensidão de frases soltas
O teor de toda mágoa
Dissolvido na saliva de outras bocas
Mas que céu é esse
Onde o que deve voar, não voa?
Que mar límpido é este
Onde os horizontes tornam-se paisagens a toa?
Enquanto dentro do peito
Não há saudade maior que doa
A não ser a fome
De saciar o perdão de quem não perdoa
E liberto da felicidade
E de todas as suas coisas boas
Me escondo nos escombros
Reunido num canto
Como a poeira de frios recantos
Como a tristeza no limiar do pranto
Como o susto que antecede o espanto
Como está sendo teu colo
Noite após noite
Um buscar-te
Sem na verdade
Querer-te tanto.

Rafa Chagas graduado em Letras/Espanhol pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Especialista em Linguística e Literatura pela (UEPA/DOM ALBERTO). Em 2011 publicou seu primeiro conto, "Crime perfeito", publicado na II Antologia PROEX/UFPA DE POESIA, CONTOS E CRÔNICAS. É autor do livro "As últimas folhas do diário", editora folheando, 2021.

Impassível

Raimundo M. Pimenta

Há quantos anos nos conhecemos? Sei lá
Eu ia, você vinha
Foi um encontro comum, casual?
Quantos já se encontraram assim?
*As percepções são muitas
Mas a inteligência maior é Deus Nosso Pai
Os caminhos são vários
Mas só Um é "o caminho, a verdade e vida"
Jesus Cristo Nosso Senhor e Salvador amem!
*a vida é muito difícil e a luta muito desigual
*jamais diga que não pode,
Sempre diga que vence e assim será, creia!

*você é a calma que eu preciso
Tem tudo para me levar ao paraíso
Você está sempre pronta a me acalmar
Com seus gestos suaves e sua voz de ninar

Deus permita que eu sempre tenha você
Como já disse antes, nunca vou te esquecer
"Por trás de um grande homem existe sempre uma grande mulher"
Sou o que sou pelo que tu és

Estas minhas palavras dizem seu valor
No entanto elas não trazem no seu teor
O valor real que você significa
Pois há muito mais além, você de fato dignifica

Gostaria que as palavras continuassem a fluir
Para não parar por aqui
Ainda bem que Deus me deu esse dom de escrever
E, como não poderia de outra forma ser
Uso esse dom para escrever em homenagem à você

Talvez fiques encabulada
Pensando que não mereces essa quadra
Contudo você merece muito mais coisas
Que só com amor se faz

*sei que você está precisando de ajuda
Posso ver nos seus olhos
Talvez até nem queira quem o acuda
Mas, é péssimo vê-lo assim tão tristonho

Sabe-se lá quantas vezes você me ouviu,
Acalmou-me, me levantou
Agora você está aqui tão atordoado,
Cansado, abatido, desanimado, sem sustentação
Tão atribulado que quase não percebe o que se passa ao lado

Sinto que devo fazer algo para te animar
Mas estou impotente sem saber o que fazer
Seu rosto está desfigurado de tanto penar
Mesmo assim você consegue forças para vencer

Gostaria tanto de te ouvir, te abraçar, mostrar meu carinho
Dar-te meu ombro amigo, verdadeiro
Não sei bem o motivo desse desatino
Mas vejo que se esforça para continuar resistindo

Tua angústia me mata,
Mais do que isto, sei que te corrói
E isto me maltrata
E me dói

Porém você sabe encontrar forças nas suas orações
A fé que você tem é inabalável
As pessoas às vezes em seus corações
Têm pensamentos, aspirações, divagações, indagações.

Raimundo Martins Pimenta nasceu no ano de 1965 em Fortaleza capital do Estado do Ceará. É Pedagogo (Professor de EJA e AEE), Psicopedagogo, Neuropsicopedagogo, dentre outras profissões. Amante da cultura e incessante pesquisador de novos conhecimentos.

Sertão

Breno Gomes Fernandes

Deserto por explorar
Só havia céu, e vento e tempo
A água do mar não fluía lá
Mas a água interior do terreno
Seus metais, materiais minerais
Terreno e constituição, tava tudo lá
A floresta, as árvores e outras arvores
Plantas alimentícias, frutíferas em particular
Os quadrúpedes, animais domesticados
Ou os das montanhas
Tudo isso há no deserto sertão
Peixes de água doce, insetos e suas doenças não sabidas
O sertanejo tem diferente a vista, o tato, a audição o gosto e o olfato
Os movimentos corporais rasteiros
Ou ora na senoide da foice
Foi-se o deserto
Encontraram flores
Nas vestes masculinas
Ora femininas
Visse o verso do deserto?
A inteligência, a sabedoria, a aptidão do sertanejo
A vida anímica do intelecto injetor
A consciência da terra, a memória, o raciocínio
Que faz deles, deserto, sertão, terra e homem
As diferentes sensações de noção, raciocínio, juízo e conclusão
De que o desterro acabou, a terra deles não chegou, foi descoberta no alumiar da noção
O consentimento, a verdade, o erro a atenção à vida e o saber
Lá tem prazer, desprazer, alegria
Infortúnio e seriedade
Na ruga de uma testa cujo suor se manifesta e só mais tarde seca pelo pó da terra
Esperança, paciência, surpresa e admiração
Retorna nos sentimentos ligados ao eu, e ao outro.
Simpatia, confiança, desconfiança, dureza e misericórdia.
No deserto sertanejo tem estética, moral, religião e por isso sentimentos
A manifestação e o resultado desses sentimentos
O que nos faz, por ouvir as histórias, ou por viver de fato a memória
Seres tão rapidamente astutos na palavra, na palavra silenciosa

Breno Gomes Fernandes - cientista da computação. Pintor e poeta autodidata. Teve diversas pinturas expostas no Mauc, Museu da UFC. “Cerca Viva”, seu poema publicado na antologia “TRAVESSIAS VOL. III”, vencedor do concurso literário

Limites

Vuldembergue Farias

Foto: Divulgação

Quero falar sobre
Os extremos de pequenos
Espaços,
Limites, tempos, distância,
Lenta velocidade e intervalos
Diminutos laços e abraços
Discretos olhares
Incontidos andares
Mera felicidade
Entre o ter e o poder
Separa-me
Dessa realidade
Menor, igual, maior
Que meu desejo de ser
De estar no limite
Do meu particular
Prendam-me
Deixem-me estar
Na divisa do bem e do mal
Entre o antes e o pós
O fundo e o raso
Entre laços e nós
Viver de fachada
Ou viver discreto
É como concreto aparente
Sente quem vê
Excede o limite
Da vida corrente
Ouça aqui: https://abre.ai/hqJ4

Vuldembergue Farias é Doutor e Mestre em Ciências da Educação - Inovação Pedagógica, pela Universidade da Madeira, de Portugal. Membro vitalício da Academia de Letras do Brasil, compositor, Técnico em Educação (aposentado) da Prefeitura de Fortaleza, ex-Professor Tutor de Cursos EAD da Universidade Federal do Ceará e da Universidade Estadual do Ceará.

O Homem de Aço

Leandra de Vasconcelos Queiroz

Foto: Divulgação

Nas grades da civilização, aprisionado,
O homem de aço, a alma acorrentada.
Moral e lei, um jugo sobreposto,
Suprimindo a vontade, o desejo imposto.
A compaixão, um vício a ser banido,
A humildade, um fardo maldito.
A força do espírito, aprisionada em vão,
Em nome da paz, em nome do bom.
O rebanho segue, cego e obediente,
A pastorear em campos de sofrimento.
A massa adormecida, sem questionar,
Aceita a ordem, a lei, sem ousar desafiar.
Mas em cada peito, um grito reprimido,
Uma chama acesa, um desejo proibido.
A vontade de poder, um rugido ancestral,
Que busca a liberdade, a força total.
Zaratustra nos ensinou, a ultrapassar o homem,
A forjar um novo ser, mais forte e soberano.
A vida é uma luta, um eterno combate,
Onde o vencedor é aquele que nunca se abate.
A moral, um fardo, uma pesada cruz,
Que impede a ascensão, a busca pela luz.
A sociedade, um rebanho adormecido,
Onde o pensamento crítico é proibido.

Leandra de Vasconcelos Queiroz é aluna de Filosofia da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Sua paixão pela filosofia e desesperança na sociedade faz com que ela encontre na filosofia de Friedrich Nietzsche uma leitura centrada no entendimento da sociedade, como as coisas realmente são. A menção a “Assim falou Zaratustra" e a vontade de poder em “Além do Bem e do Mal” são referências para esse poema.

A cozinha

Amauri Flor

Foto: Arquivo pessoal.

Das taperas aos casarões, tudo começa e termina na cozinha
Onde as comadres vestidas com suas saias enviesadas
Aparecendo os babados das anáguas
Duas pinças na blusa, o rosto cheio de ruge e
Seus vestidos encarnados,
Atualizam as conversas e relembram o passado.
A tarde chega, o sol se despede do dia,
As estrelas iluminam as curvas da estrada
Os mandacarus repousam sobre o sereno, suas vestes é a luz da lua
Lava os espinhos de orvalho, cada gota derramada
Percorre entre os infinitos grãos de areia.
Em cima do velho fogão a lenha, uma tigela de angu,
Um quengo com o cabo feito de cabatã,
Pé de moleque, cuscuz, leite, buchada,
Cocada, tapioca e uma garrafinha de mel,
A chaleira exala o cheio do café torrado e pisado no pilão.
Na parede uns canecos pendurado no prego,
No canto um pote, junto uma gamela,
Pela brecha do telhado
O vento forte imita os assovios dos passarinhos
Uma flecha de luz transformava -se em um pavio de lamparina

Amauri Flor Artista de Lagoa Seca-PB, começou em 1982 no Liceu Paraibano, em João Pessoa. Inspirado pela poesia de Chiara Lubich, desenvolveu um estilo surrealista/figurativo com grafite e nanquim. Premiado em 2012 pelo Salão de Artes Visuais do Sesc PB, segue expondo suas obras. Desde 2020, vive em Catolé do Rocha, retratando a paisagem da caatinga e a arquitetura Art Déco local.

Juventude

José Leoncio

Havia uma rua e uma juventude
A rua sonhava em ser avenida
A juventude em mudar o mundo
A rua ficou para trás, mesmo sendo avenida
A juventude seguiu seus sonhos
Uns com maior empenho e firmeza
Outros se testando
A rua permanece intacta na memória
A juventude robora, revigora
Mudar o mundo?! Não saiu de Voga:

Vigora, outrora e agora
Demora sempre, embora
Se dê em boa hora
A terra cora, sonora, chora
Chega de pressa ou prova
Mudar o mundo, não saiu de moda

A juventude ainda guarda alguma Aurora
O sol mora, a lua nunca demora
A juventude nunca perdeu a hora e a prosa
E a rua faz parte desta História

José Leôncio de Lima é um aspirante a poeta, pensador, letrista. 2009, 2010 - Participante do festival de música do Sesi, para os Trabalhadores de Indústria de todo o Brasil. Na fase cearense chegou à etapa final nos dois anos descritos com as composições: "Flor do Arvoredo" (2009) e Tenho fé (2010).

Matéria e movimento

Gabriel Régis

Nesse mundo, eu nada sou.
O que me estranha é que em nenhum momento posso deixar de ser.
Me cobram profissão, respostas para o meu futuro na ponta da caneta.
Esta, que escreve no formulário a ser preenchido nesse momento.
E o que me assassina é sempre o desejo incompreendido pelas palavras que me fascinam.
Não consigo digerir o texto de modo a preencher as vísceras do meu estômago.
Beijo lentamente as palavras que adentraram um espaço.
No beco da minha alma.
Daí resulta nessa amálgama sentimental que por horas eternas me apetece.
Moro por tempo indeterminado no universo de desentendimentos que as letras provocam...
Quando estão postas umas sobre as outras.
Emanando horror, paz, guerra, colapso e gozo.
Vida e confusão.
Tristeza pelo tempo ficado aprisionado na porta.
Assim é a linguagem.
Sem som, mas tu escutas a voz que escrevo.
Grito abafado nessa tinta escura que te mancha as mãos.
Feito de sangue de enfermo.
Sem imagem, mas tu contemplas a visão que te evoca.
Aos sentidos dispersos.
Porém, imersos nesta claustrofóbica folha que te prende até o fim da linha.
E tu trazes consigo a velha casa que morou
O filho que adotou.
Acerca de como pulou para conhecer o mundo afora
Todos os teus anseios metafísicos.
Toda a tua dor que ninguém se importa, mas que jura que nestas páginas teu coração vai se encontrar
Assim como faz agora
Assim é como fez sempre neste ciclo malicioso da vida
Poesia é perder-se na matéria em movimento e procurar resto de si na estação do trem
Assim, faz-se moradia naquilo que te evocou mais vida.

Gabriel Régis é estudante de Filosofia na Universidade Estadual do Ceará e amante das Letras e Artes.

Humanos

Edson Medeiros Rocha

Ligar o som
e fazer assim –
o sol é tão quente
quanto à vontade
de seus entes,
quentura do asfalto
da Cidade de Fortaleza
não mente,
debaixo dos pés pessoas enterradas,
que ainda caminham,
sob a ideia
do fim das privações centralizadas,
seus
e
nossos
caminhos.

Silêncio

Gorette Rodrigues

Suportar o silêncio da rua
O de si mesmo

Do outro...

Muitas vezes dói

Por vezes mata

Ou atravessa a madrugada

A palavra também mata
A (mal) dita
E a não dita

Edson Medeiros Rocha é artista e atualmente graduando em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE), com pseudônimo *mmedeirose*.

Gorette Rodrigues - Psicoterapeuta, professora, poeta e bailarina. Mora em Recife e publicou poemas e outros escritos em coletâneas organizadas por Flávia Suassuna, Zeca Lemos (PE), Nonato Nogueira e , escreve para a Revista Sarau (CE) . Com publicações também na coletânea Costurando Vivências, Editora Coralina (RS).

Abismo

Diana Rech

Não te lamentes com a noite
Porque ela não te consola,
Não sonha com as vertigens,
Nem eleva tuas preces aos deuses do Olimpo

O esmero de tua súplica apenas te conforma a teu ser;
Uma imagem em espelho
Sem as arestas de uma fissura.
E o abismo... O abismo que te apavora
Agora se esvai em longa fúria

Então, por que as preces? Por que a noite?
Quando em vigília almejas novamente o sono?
Segues dormindo, embriagada, sem devassidão.

És ingênua e terna cara menina,
Deves perder-te.
Perder-te desmesuradamente
E abraçar teu próprio abismo
Portanto, foges! Foges deste encantamento

Diana dos Santos Rech. Poeta e Psicanalista. Mestra e ex-doutoranda em Filosofia da Psicanálise pela UNICAMP/Manchester/Inglaterra. Publicou *Poemas bem de detrás e antes e Segunda Voz* Seguiram-se alguns textos em Coletâneas e Antologias impressas e em *e-book*. Destacam-se as antologias: *Florbela por elas; Amazônia e A Caminho de Pasárgada.*

O lobisomem

Julia Mascaro Alvim

Noite alta, tempo quente. O ar sem movimento reverbera revelando sombras feitas pela lua cheia nos lugares da pequena cidade. As árvores emitem um luzir misterioso. O clima está alterado por algo sobrenatural gerando um estranhamento diferente em tudo. Cães ladram revelando inquietação. O casebre na rua de terra está aceso com uma fraca luz que escapa pelas frestas das portas e janelas. Próximo à porta de entrada há uma mesa com cadeiras onde Vanda sentada está insone. Ela bebe café e sente um frisson inexplicável. Matuta querendo algo. Não sabe ao certo o quê.

De repente, ela começa escutar algo cavoucando a terra do lado de fora. Ouve um barulho forte, como se alguma coisa voraz e forte tivesse urgência em cavar. Sente medo. Espia pelos vãos da janela. Pressente um vulto, mas não pode ver com clareza. Aquilo a incomoda. Quando cessa o som, ela está assustada e curiosa.

Passado algum tempo, como que hipnotizada, Vanda decide sair e averiguar. Deixa a porta entreaberta enquanto contorna o casebre. Nada. Entra, tranca a porta e se senta de novo na cadeira. Quando na janela um vulto se forma. Parece que vai desmaiar. O coração palpita. Receosa ela permanece quieta onde está. No quarto escuta algo. Será que a criatura entrara enquanto ela fora averiguar o que havia? Petrificada mantém-se parada. Quando vê um ser passar de um lado para o outro da porta entreaberta dentro do quarto anuviado. Teria vislumbrado um homem meio lobo atravessar lá dentro. Sente que está sonhando. Não pode ser. O silêncio permanece durante algum tempo. Nada mais se manifesta, então decide ir ao quarto. Primeiro acende temerosa a luz. Está vazio. Verifica a janela. Trancada. Abre-a para ver se avista algo. Mantém uma postura hipnótica. E de súbito vê o ser empertigado lá fora. Há um deleite desesperado em ambos. Algo transmitido pelo feitiço. O olhar da criatura emana fúria e êxtase de modo a latejar em sua vítima. Permanecem estáticos. Como se a imagem do impossível prendesse seu inconsciente aprisionando-a. Era uma receptora do mal. Vanda absorve o sentimento da criatura em transformação. Até ele virar completamente um lobisomem. Ela reage ao estado de torpor e fecha abruptamente a janela trancando-a. O monstro começa a arrombar a porta da sala até invadir o lugar. Aterrorizada ela está congelada a esperar a morte. Ele a busca no quarto onde a possui.

Depois do ato, ele a deixa. Parte para seu destino. Desaparece na lua cheia. Um uivo fantasmagórico é escutado. Vanda se recompõe atordoada. Vai ao banheiro se lavar quando se vê no espelhinho. Está em estado de transformação. Meio mulher meio loba...

Julia Mascaro Alvim - adquiriu gosto por Literatura e ingressou no teatro. Atuou profissionalmente como atriz e cantora na cidade e também se desenvolveu em música. Lançou "A Voz do pensamento" (poesias), "Vento das Pedras" (romance), "Cecília Que Sabia Voar" (drama), "As Dramas" (comédia), "Quase num Domingo" e "Inferno" (novelas). Publicou em várias revistas digitais, blogs literários, antologias e já ganhou prêmio literário de poesia.

O banco do jardim

Ludimilla Barreira

Foi um dia muito agitado. Veio um grupo de mulheres que fez todo mundo chorar. Depois, como se tivessem recebido um convite especial, todos os meus velhos conhecidos chegaram, um a um. Percebi algumas ausências, mas nada que alterasse os rumos do momento — não dependia mais de ninguém.

Tivemos um longo dia, daqueles em que o sol se põe bem tarde. Senti, por mais horas, o sol me esquentando por inteiro, com um pôr do sol bonito, amarelo e quente. Foi um dia muito agitado, mas, em dado momento, no final da tarde, senti um doloroso silêncio.

Finalmente, tive notícias. Quando recebi a primeira visita, percebi que, naquele dia, ela descansou em mim de uma forma diferente. Na verdade, parecia mais um pássaro que pousa enquanto pensa rapidamente no rumo que precisa tomar. Ela sentou apoiando as duas mãos nas minhas bordas arredondadas e, com cautela, encostou as costas em mim, como fazia desde criança. Mas não descansou, algo a entristecia.

Ela olhava incessantemente para os lados, como se nenhuma das folhas do jambeiro pudesse cair sem que ela visse. Seus olhos piscavam em um ritmo frenético, como se fotografasse cada movimento enquanto olhava.

Sua mão alisou minha superfície como se procurasse a presença de quem não estava mais ali. Senti algo úmido, mas não era chuva, foram lágrimas. Daquelas profundas, contidas há muito tempo. Como a dos outros que repousaram em mim nos dias anteriores e respiravam profundamente, como quem precisa se esvaziar para procurar alívio.

Percebi um entra e sai de pessoas, alguns que eu não via há um certo tempo. Mas, em comum, todos tinham uma profunda tristeza carregada no olhar. Alguns sentaram e proferiram palavras de força e compaixão, enquanto outros depositavam toda a sua energia em longos abraços e em olhares carinhosos.

Próximo ao final da noite, uma equipe estranha chegou e não se demorou. Quando saíram, todos ficamos abaladíssimos. Nossas dúvidas foram confirmadas: quando o portão se fechou, dentro daqueles muros não tínhamos mais a presença dela, nossa protetora.

Gelei. Sou frio, mas tenho meus sentimentos.

Ao perceber minha tristeza, recebi folhas que me esquentaram. Nesse intervalo, lembramos das músicas, dos dias de festa, de quando as crianças brincavam conosco, das confissões amorosas, dos lanches, foram tantas memórias que guardamos juntos.

Enquanto isso, o jambeiro me chamou para contar sobre umas mudanças no céu. Ao cair da noite, junto aos meus fiéis amigos do jardim, soubemos de uma nova estrela que causou um realinhamento dos astros. Agora tínhamos mais um motivo para admirá-las.

Ludimilla Barreira – Gosta de observar a vida e escrever o que vê e sente. Contato: 85 996302523/ 85 981507153

Amor-precipício

Carlos Henrique Carrilho Cruz

Pensar o impensável,
Desejar o impossível,
Coexistir inexistências,
Avançar o limite
intransponível!
O que é pensável?
O que é impensável?
Quem é desejável,
Amável, querível?
Qual o limite do desejo?
eu mesmo ou o outro?
Perguntas sem resposta
Só existem no papel
Que abriga coisa justaposta
Sem perguntar se viável!
O limite do meu sentimento é
o outro?
O limite do sentimento do
outro sou eu?
Acolher o amor: fecundá-lo:
crescer!
Rejeitar: limitar: fenecer!
Nas disparidades,
incongruências
Vivo esperanças
de esperança!
desesperança!
Quão tênue é o limite
Quão fácil a fratura
Como dói se o amor inexiste
Como quebra a estrutura!
Tocar bordas
Acariciar quebras
Viver precipícios!
Cair no chão do outro!
Cair, mergulhar
no amar!
E se não houver o outro amar?
Cair, mergulhar:
em-si-mesmar!
O Céu, precipício,
O amor, hospício
Em que vivo!
Limite louco
Que me consome
pouco a pouco!
Amor-precipício
Doce hospício
De quem é louco-são
De quem o ofício
É aguardar propício
O momento do coração!

CARLOS HENRIQUE CARRILHO CRUZ – formado em Letras Português-Francês e Mestre em Educação pela UFF. Pedagogo, com experiência em Direção; ex-Coordenador do Curso de Pedagogia, Campus Madureira, da Universidade Estácio de Sá; Coordenação Pedagógica e Professor aposentado do Município do Rio de Janeiro. Livros publicados: *Planejamento em sala de aula* (em coautoria com Danilo Gandin); *Conselho de Classe*; *Espaço Diagnóstico da Prática Educativa*.

O tempo

Nádia Ventura

Sentada à porta, ela dividia sua atenção entre o bordado e a vastidão do terreiro. A sombra já lhe batia aos pés.

Fim de tarde.

A brisa morna movia-se vagarosamente sobre as frondosas árvores que cercavam o local, ao mesmo tempo em que acariciava o seu rosto maculado pelas marcas do tempo.

As flores bordadas em rococó, no fino tecido do bastidor, formavam um coração e o pálido azul do tecido a fez lembrar dele. Há tempos não se lembrava daquele rosto forte. Evitava lembrar qualquer coisa daquela súbita partida. Ele não dera sinal de que partiria um dia, porém se foi e, por isso, ela jamais o perdoaria. Mas, naquela tarde, ela se deixou levar e pensou nele. Talvez fosse por causa do vento morno, ou quem sabe do tecido azul pálido, igual a uma camisa que lhe caia bem, quando vestia. Não sabia ao certo, mas pensar nele, naquele momento, fazia-lhe bem e quis lembrar-se das conversas, dos risos, das lágrimas e principalmente dele.

Notou que essas memórias não mais a feriam. Notou que não se defendia, afastando dela o pensamento, mas notou que lhe faltava algo. Sentia-se pura, vazia, sem nada. Todo e qualquer sentimento se esvaiu e deu lugar ao medo. Medo de não amar, medo da solidão, medo do tempo, medo da vastidão das horas sem ele.

Nada seria como antes. Agora sem beijos, abraços e risos. Agora, só ela e o tempo.

Um arrepio a fez retomar o bordado. Achou melhor fechar essas lembranças e seguir sem pensar no que passou. Alisou os cabelos negros com as mãos, abandonou o bordado e se dirigiu à cozinha. Em frente à pia parou, olhou à sua volta e sentiu o tempo passando lentamente como um velho companheiro, vagaroso, cruel e insensível. Percebeu que dali para frente, seria apenas ela e o tempo: Seu fiel e sombrio guardião.

Nádia Ventura nasceu em Salvador, Funcionária Pública Federal, estudou Psicanálise Clínica, Filosofia, Jornalismo, Comunicação Social e História, além de ser ativista Social e Política. Nádia é Membro da ALB- (Academia de Letras do Brasil/Suíça), da Academia ALMAS em Salvador e da Academia Americana/USA. Com mais de 30 trabalhos publicados no Brasil, Portugal, Suíça e África.

JARAGUÁ mania

Nonato Araújo é artista plástico e, durante quase trinta anos, vem se aprimorando na arte da xilogravura, fazendo oficinas com mestres e mestras deste ofício para cada vez se especializar nesta prática artística, compartilhando estes conhecimentos com pessoas de todas as idades, em forma de oficinas. Participou do evento Mestres do Mundo e realizou exposição de xilogravuras emolduradas. Além de xilogravurista, se dedica a algumas funções como pintor, gravurista, desenhista, bordador, entre outras. Atualmente, tem se dedicado às atividades de fotógrafo, pintor e gravurista.

Resenha do Livro:

🌊 As Marés do Meu Ser 🌊 é uma viagem pelas profundezas das emoções humanas, onde cada página é um convite para explorar os altos e baixos da vida com sinceridade e intensidade. Neste livro, 45 textos transitam entre contos, relatos pessoais e desabafos, tocando temas como amor, solidão, busca por identidade e as nuances do cotidiano. Com uma linguagem poética e visceral, você será levado a questionar suas próprias marés internas, enquanto navega por experiências que ressoam em cada um de nós.

📖 prepare-se para mergulhar em histórias que ecoam o íntimo, e para ser transformado pela força das palavras que revelam a alma humana em toda a sua complexidade.

⚓ Embarque nessa jornada e descubra a beleza que existe nos momentos de calmaria e nas tempestades da vida. 🌟

a razão da loucura

enrico pierro

fico oscilando em uma encruzilhada onde se sou bom, se aproveitam. se sou ruim, me condenam. será que existe um meio-termo entre toda essa razão e loucura?

dizem que o mundo é dos espertos. não sei. talvez o mundo seja mesmo dos canalhas, psicopatas e egoístas. de todos os que sempre parecem ganhar. será que ganham mesmo?

entre o abismo e o céu estrelado há tanto espaço que eu diria que tua vã filosofia nunca será capaz de imaginar. tantas nuances e meio termos. será que não somos a primeira fase do purgatório? vai ver ainda há algo entre nós e o céu que segue oculta.

não posso ficar remando contra a maré do meu próprio ser. se sou o que sou, não cabem mais as meias-palavras. esse sobe e desce do caráter é uma roupa que nunca me serviu bem. quem sabe Deus não é um alfaiate. e eu sou o modelo com as medidas erradas.

mas sou quem sou. com todas as dores, mágoas, arrependimentos, tristezas, alegrias, conquistas. é um grande liquidificador de sentimentos compactado em 1,70 de altura. nem bom, nem ruim. eu.

aquele que para ser sincero nem sabe ainda tudo o que é. tenho ideia só do que posso vir a ser.

e você? já parou para se conhecer? entender teu papel nessa confusão com nome curto chamada vida? pare na frente do espelho e tente ver o que está atrás da tua imagem. eu já fiz tanto isso que decorei até as imperfeições do meu rosto, mas ainda parece ter algo que me impede de ver muito além. quem sabe você não consegue?

mas se você já sabe quem é, ponto para você! já está centenas de passos à frente de todos nós aqui atrás. cambaleantes, ilusórios, perdidos em sonhos às vezes até inúteis. te admiro. não te invejo, mas te admiro por estar já tão longe. nas sombras da vida você pode ter aprendido a virar luz.

vou seguir procurando no escuro tudo aquilo que já não posso mais tropeçar e seguir essa baderna do bom e mau. mas nunca quis ser o lobo, acho que sou mais chapeuzinho na vida. é, em breve encontrarei essas respostas. e quem sabe no fim do trilho não possamos comemorar todos juntos, as delícias e angústias de ser quem somos.

Enrico Pierro, nascido em 1986, é escritor, poeta e apresentador, conhecido pela sensibilidade literária e estilo único. Sua estreia, *As Marés do Meu Ser*, trata de autoconhecimento e superação, com uma escrita intimista. Participou de antologias literárias como *Antologia Dante Alighieri* e *Antologia Raízes*, colaborando com escritores lusófonos. Reconhecido por prêmios como o Prix Parisian de Littérature, foi também eleito Personalidade do Ano 2024. Além disso, é apresentador do podcast *ABCPod*, focado em cultura e literatura.

Crônica poética aos artistas brasileiros Ary Sherlock e Vital Farias

Élcio Cavalcante

A arte é vital em nossas vidas, sem ela a vida fica monótona, árida e sem sentido, sem vitalidade. A arte é dinâmica, é vitamina na vida, é riqueza cultural dos povos do Planeta Escola Terra, é vida pulsando em nossas veias e na nossa alma. É por isso que o poeta maranhense Ferreira Gullar nos legou que "a arte existe porque a vida não nos basta".

A arte é uma das grandes riquezas da cultura popular, ela é fundamental para termos uma vida salutar, ou seja, para termos uma vida com dignidade e qualidade de vida é preciso e necessário ter contato com a arte.

Quando morre um artista da magnitude e do quilate de dois grandes talentos como o ator cearense Ary Sherlock e o poeta e cantador paraibano Vital Farias é como se arrancasse uma parte da gente, o mundo que nos cerca com certeza fica mais pobre culturalmente, especialmente para aqueles que tem a sensibilidade artística de contemplar a capacidade, o talento e o trabalho de grandes menestréis e mestres da arte singular, plural e universal.

A vida sem arte seria um caos insuportável, um trago amargoso, um eterno intragável líquido azedo, um feliz de amargura, um deserto árido, uma existência arisca, inculta e incivilizada.

Sem arte em nossas vidas, o tédio se implantaria, a grosseria da barbárie se perpetuaria, reinaria a ignorância atroz, a insensibilidade cruel predominaria e a estupidez humana de forma aguçada dominaria as relações sociais.

Somente com a valorização da cultura, mediante políticas públicas, contemplando todas as artes Humanas, é que desenvolveríamos no ser humano um olhar mais amoroso, generoso para a arte em geral.

A valorização da arte em nossas vidas é crucial, pois ela nos conecta com as emoções, sentimentos mais intrínsecos da humanidade, histórias e culturas de maneira única. A arte não só embeleza o cotidiano, mas também provoca reflexões e questionamentos sobre o mundo ao nosso redor. Ao apreciarmos a arte, estimulamos a criatividade e a imaginação, essenciais para o desenvolvimento humano. Além disso, a arte promove a empatia e a compreensão entre diferentes sociedades, ajudando a construir elos, pontes entre as pessoas. Em um mundo cada vez mais acelerado, reservar um tempo para apreciar e valorizar as expressões artísticas é uma forma de cuidar de nossa saúde mental e emocional, enriquecendo as nossas experiências e tornando a vida mais significativa.

Em síntese, a valorização da arte é uma necessidade inerente ao ser humano, pois ela enriquece nossas vidas de diversas formas. Ao reconhecer e apoiar as manifestações artísticas, contribuímos para um ambiente cultural mais vibrante e diversificado. A arte nos ensina a ver o mundo com outros olhos, abrindo espaço para diálogos e reflexões que podem transformar nossas percepções. Portanto, investir tempo e atenção na arte é um investimento em nós mesmos e na sociedade na totalidade, promovendo um futuro mais atrativo, criativo e empático.

Élcio Cavalcante, Professor de História - Fortim–CE.

COLUNA ENTRE MALDITOS E MARGINAIS

Péricles Melo - periclesmelo772@hotmail.com
Rangel Flor - rangelflor433@gmail.com
Eduardo Fontenele -robertoeduardo33@gmail.com

JACK LONDON – de pobre abandonado a rico escritor

Péricles Melo

"Darwinistas sociais afirmaram categoricamente que homens braçais nunca liderariam nada, homens braçais fizeram mais pela humanidade do que os pretensos darwinistas sociais, quem dera o filho do carpinteiro". (Péricles Melo)

Quando criança, London trabalhava na fazenda, vendia jornais, entregava gelo e levantava pinos em uma pista de boliche. Aos 14 anos ele ganhava dez centavos por hora como operário de uma fábrica de conservas. As miscelâneas e o tédio da vida de trabalho eram sufocantes para um garoto durão, mas imaginativo, que descobriu o tesouro de livros na Biblioteca Livre de Oakland. Obras de Herman Melville, Robert Louis Stevenson e Washington Irving fortificaram-no para as perigosas delícias da orla de Oakland, onde se aventurou aos 15 anos de idade.

Foto: Divulgação

Usando seu pequeno veleiro, o "Razzle-Dazzle", para pescar ostras e vendê-las a restaurantes e bares locais, ele passou a ganhar mais dinheiro em uma única noite, do que ele poderia trabalhar um mês inteiro na fábrica de conservas. Aqui, na orla decadente, entre um submundo de vagabundos e delinquentes, ele rapidamente se juntou a uma tripulação mal-humorada de marinheiros e perdulários.

O roubo, o deboche e a camaradagem eram totalmente estimulantes – pelo menos por um tempo. Mas London queria ver mais do mundo. Então ele embarcou em uma expedição de caça às focas a bordo da escuna "Sophia Sutherland" e viajou pelo Oceano Pacífico até o Japão e as Ilhas Bonin. Ele retornou a San Francisco, trabalhou em uma usina de juta, como um aquecedor de carvão, depois partiu para andar nos trilhos, onde caminhou por toda a América e viveu um tempo para a

vagabundagem. Tudo antes dos 20 anos de idade.

"Eu nasci na classe operária", lembrou ele, "e eu estava agora com dezoito anos, abaixo do ponto em que comecei. Eu estava no porão da sociedade, nas profundezas subterrâneas da miséria. Eu estava no abismo, na fossa humana, na desordem e no cemitério da nossa civilização" (Jack London).

De trabalhador braçal para um grande escritor, era pouco improvável mais foi isso que aconteceu.

"Um osso para o cão não é caridade. A caridade é o osso compartilhado com o cão, quando você está tão faminto como o cão". Jack London.

"Ancestrais desejos nômades irrompem, enraivecidos pelo cativeiro. A condição de fera acorda de novo do seu sono brumoso." Jack London

Ressonância

A batida do martelo na bigorna
Som estridente no dente
Operário de braço forte transforma a matéria severa
Põe poema para cantar, tudo segue o seu imperativo olhar
o suor mistura- se ao pó de ferro
suja camiseta branca
no céu nuvens baixas e gordas
põe poema para cantar
canção do pássaro de ferro solitário
ressonância dos metais, tapa no ouvido
A barriga pede pão
o som do martelo faz pel
em cada golpe pão, pel, pão pel, pão, pel
com caneta na mão e caderno de papel
esculpi o trabalhador
com camiseta branca suja
pó de ferro misturado ao suor
que som estridente acabou o expediente
mas ficou o eco no meu ouvido pão pel, pão, pel, pão, pel

Mártir ou suicida? Quem foi Vicente Mendes, o autor marginalizado de uma das guerras mais sangrentas do Brasil pós-monarquia?

Rangel Furtado Flor

Nada foi mais pertinente do que a escolha deste autor, que poderia ser vários, em situações diferentes e adversas, dos que foram ignorados, discriminados e não entendidos pela sociedade. Escolher este autor marginalizado por sua história e seus ideais foi um caminho sobre muitas inquietações. Assunto de muitas polêmicas e discriminações, embutido em várias camadas no contexto e na época em que Vicente Mendes viveu.

Como um homem simples e humilde conseguiu criar uma comunidade alternativa com um número de quase vinte e cinco mil seguidores em meio à

fome e à seca no Sertão Nordestino? Por que ele foi tão odiado pela Igreja Católica e especialmente pelo novo governo republicano que surgia após a monarquia?

Foto: Divulgação

Quem foi Antônio Vicente Mendes, o homem que liderou milhares de pessoas no meio do sertão nordestino no fim do século XIX? Seria um homem marginalizado pela história do Brasil? Seria seu discurso messiânico uma ideia de um novo messias que surgia no meio do sertão nordestino com a promessa de salvação? Sendo ele uma grande ameaça para a Igreja Católica, que perdia seus fiéis em número alarmante?

O certo é que um novo movimento surgia e crescia a passos largos, gerando descontentamento e insatisfação para os grandes latifundiários, que viam aquela gente como baderneiros, ocupando terras improdutivas, induzidos pelo discurso de igualdade.

O religioso era conhecido por seus fiéis como Antônio Conselheiro. Pregava direitos iguais para todos os homens e mulheres, pessoas excluídas e à margem da sociedade, em sua maioria negros recém-libertos pela abolição dos escravos. Totalmente desassistidos, fugindo da seca e da miséria, analfabetos, jogadas à própria sorte, rumo a uma civilização alternativa, cuja moeda de troca era somente o que eles produziam, sem impostos para o Governo nem para a Igreja, sustentando a prática e a teoria de igualdade para todos.

Nascido na cidade de Quixeramobim, em 1828, Antônio Vicente Mendes estudou português, francês e latim. Foi professor e depois caixeiro-viajante. Foi por meio de suas perambulações e seu discurso religioso que o beato atraiu tantos seguidores até chegar em Arraial de Canudos-Bahia. O escritor Euclides da Cunha, autor de "*Os sertões*", foi um grande pesquisador do movimento de Canudos, realizando pesquisa de campo. E no final, concluiu que ambos foram bárbaros. Salutar uma escolha insatisfatória. Sendo que, não é muito difícil de se chegar à conclusão que no mínimo seja justa e cabível, de que o cenário vivido por aqueles personagens não era nada satisfatório. Já que a seca extrema e a desigualdade social, ainda eram e ainda são os principais flagelos daquela realidade, infelizmente até os dias de hoje.

Canudos foi fundada em 1893, depois de longas andanças pelo Sergipe e pela Bahia, e viviam em uma triste realidade com a falta extrema de assistencialismo governamental. Com os agravos não só para os negros, que ficaram completamente desassistidos, restando a fome e a miséria, mas para as pessoas em geral, fortalecendo o

movimento crescente do beato Antônio Conselheiro, que difundia a crença de prosperidade.

A Guerra de Canudos teve início em novembro de 1886 e perdurou até outubro de 1897, sendo considerado pelo presidente Prudente de Morais um movimento rebelde apoiado pela Igreja e pelos latifundiários, que estavam insatisfeitos com essa suposta ameaça voltada não só para o Estado nordestino, mas também para o regime vigente do País.

O que realmente atraía tanta gente para o Arraial de Canudos? Seria o discurso de salvação que o beato Antônio Conselheiro pregava? Seria fanatismo religioso contra um sistema precário do governo da época? As críticas religiosas tiveram tanto impacto na Igreja a ponto de ser uma ameaça?

No Arraial não havia diferença de classes. Os animais e as plantações eram divididos igualmente para todos. A Igreja não estava satisfeita com a perda de um número elevado de fiéis. E por outro lado os proprietários de terras que não tinham mais mão de obra para cultivarem suas fazendas, já que muitos deles eram jagunços e cangaceiros. Estes agora faziam como ninguém a segurança do local, visto que conheciam toda a geografia do lugar em que nasceram ou viveram a vida toda.

Depois de várias investidas de guerra, duas delas pelo governo da Bahia, pressionado pela Igreja, junto aos fazendeiros da região, não conseguiram nenhum sucesso. O terceiro confronto foi ordenado pelo vice-presidente da República, Manuel Vitorino, que também fracassou, tendo como resultados a derrota do coronel vigente, que expediu a ordem militar, trazendo a desonra da comitiva e da reputação do governo federal.

Teria sido este um dos maiores motivos para a execução, destruição e morte de todos os moradores daquele lugar, incluindo homens, mulheres e crianças inocentes? E não satisfeitos, decapitaram o corpo de Antônio Conselheiro para que servisse para estudos, a fim de que justificassem seus fracassos diante de uma mente provida de tamanha capacidade intelectual sobre uma simples liderança.

Desse contexto brutal não restou testemunhas a favor de uma pobre alma religiosa e intelectual. Antônio Conselheiro foi marginalizado não só pelo regime ditatorial da época, mas também pela Igreja e pela burguesia pós-monarca.

Será que a guerra de Canudos estudada nos livros paradidáticos consegue distinguir os dois lados da moeda? Será que perceber e se opor às injustiças de um sistema de governo seria um ato suicida, mesmo que a realidade nua e crua justifique os meios?

Para quem tem fome, não há tempo para viver de promessas ou de ausências. Infelizmente, a regra não vale quando as justificativas estão em lados opostos da moeda.

Os contos grotescos de Guy de Maupassant

Eduardo Fontenele

O livro "*Contos Fantásticos – O Horla & Outras Histórias*", do escritor francês Guy de Maupassant, traz onze contos com temática fantástica, voltada para o terror. O sobrenatural está presente predominantemente nos contos do livro.

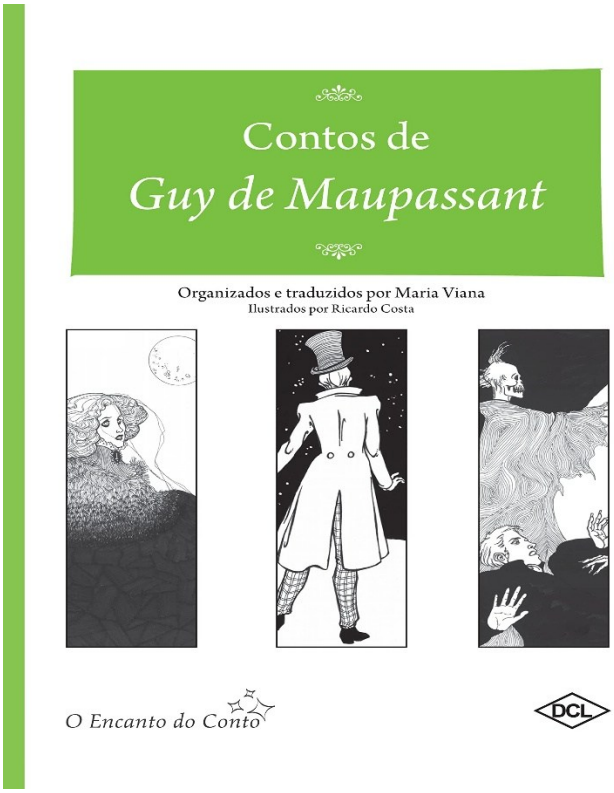


Foto: Divulgação

A característica predominante das narrativas curtas do livro é que a maioria das histórias trata de uma personagem contando sua história a um ou mais ouvintes. O intuito do artifício parece ser aumentar o realismo da narrativa, conferir mais verossimilhança à história ficcional. Dar uma camada de realidade para o texto. Lendo o livro é impossível não associá-lo às histórias do poeta e contista norte-americano Edgar Allan Poe, que foi uma influência para todos que escreveram terror depois dele.

O primeiro conto do livro se chama "*O Lobo*", em que o marquês de Arville, que não gostava de caçar, como os nobres do século XIX, conta a história de dois irmãos, antepassados seus, Jean e François d'Arville, que eram reconhecidos como grandes caçadores de feras. A região onde viviam vinha sendo aterrorizada por um misterioso lobo gigante e sanguinário. Os dois irmãos decidiram se dedicar a caçá-lo e matá-lo, mas nada acaba saindo como planejaram, pois, a fera era mais perigosa do que supunham.

O segundo conto tem o título de "*Magnetismo*". Logo no início do texto o nome de Poe é citado, para que fique bastante claro que o escritor americano era um modelo para Maupassant. Durante um jantar, um grupo de homens conversam sobre os efeitos do magnetismo. Um deles, um cético, começa a narrar uma história sobre um caso em que um filho, uma criança, toma conhecimento da morte de seu pai no instante em que ocorre, há quilômetros de distância. O segundo caso narrado trata de um caso de amor tórrido do narrador com uma moça a quem sempre ignorara, e com quem passara a sonhar todas as noites, até que decidira encontrá-la pessoalmente para seduzi-la finalmente. O narrador procura desmistificar cada um dos dois casos narrados por ele próprio, como um Auguste Dupin francês, o detetive criado por Poe.

Em "*O Medo*", são contadas histórias entre os marinheiros em uma

embarcação rumo à África. Um dos narradores conta sobre uma aventura que fizera no Deserto do Saara. Ele conta sobre o medo que sentiu ao ver seus companheiros morrerem de insolação e do medo que sentiu por causa dos tambores que ecoavam pelo deserto, sem que se soubesse de onde vinham os terríveis tambores, que pareciam anunciar a morte. É um conto bastante descritivo. A segunda narrativa, dentro do mesmo conto, trata de um caso de vingança pós-morte. Um guarda florestal havia matado um homem há cerca de dois anos. E sempre que se completava mais um ano desde o assassinato, o espírito voltava à floresta onde vivia o guarda com seus dois filhos, suas respectivas esposas e um cão idoso. O narrador chegou à cabana do guarda de forma desavisada e foi envolvido na trama grotesca. A trama atinge um nível tal de tensão que deixou todos os envolvidos na história aterrorizados até a medula.

O quarto conto se chama "*Aparição*". O velho marquês de La Tour-Samuel conta uma história de sua juventude, sobre ter se encontrado com uma mulher fantasma, que o marcou profundamente. A experiência causou-lhe tamanho impacto, que ele nunca a narrou para ninguém, pois pretendia levá-la para o túmulo. Mas, aos oitenta e dois anos, ele decidiu compartilhar seu segredo com algumas pessoas conhecidas em quem confiava. A história trata de seu encontro com um amigo que não via há bastante tempo. O amigo estava precocemente envelhecido. Ele lhe contou a história de seu casamento com uma jovem e sobre a morte precoce dela. Ele pediu ao marquês que fosse ao seu castelo apanhar alguns papéis importantes. O protagonista aceitou o pedido e foi até o castelo, e o que viu lá o marcou pelo resto da vida.

O quinto conto tem o título de "*A Mãe dos Monstros*". Ele trata de uma mulher que toda vez que engravidava, punha um espartilho para esconder a gravidez e acabava por deformar o feto dentro de sua barriga, de maneira que todos os seus filhos nasceram com terríveis deformidades. Ela passou a ser malvista pelas pessoas de sua cidade, que pagavam para que ela exibisse seus filhos monstruosos. É uma história sobre preconceitos.

"*A Carta de Um Louco*" trata basicamente de uma carta de um suposto doente mental para seu médico, explicando suas alucinações, ou seriam visões de seres de outra dimensão? O texto lembra bastante um ensaio, o que nos leva a rotulá-lo como um conto ensaio.

Em "*Um Caso de Divórcio*", trechos do diário do marido são lidos pelo advogado de sua esposa, a sra. Chassel. O diário revela toda a loucura do marido, que sofre de uma estranha obsessão por flores, que ele guarda em uma estufa em sua propriedade.

Em "*O Horla* (*primeira versão*)", o narrador relata seu encontro com o mundo sobrenatural, quando descobre que há uma estranha criatura invisível, que vem aterrorizando-o em sua moradia. Há um fato curioso na origem do Horla, ele veio num barco oriundo do Brasil. Ao final, após questionar várias vezes sua sanidade, e se internar voluntariamente em um hospício, o

narrador chega à conclusão que o Horla é só o primeiro de uma nova raça que dominará a Terra e porá um fim na humanidade.

Já em "*O Horla* (*segunda versão*)", o narrador relata a história a partir de seu diário, que lemos no decorrer da narrativa. Há várias sequências idênticas à primeira versão do conto, mas nesta versão há mais aprofundamento dos temas tratados na história, pois é uma história mais longa. É o conto mais longo do livro. E o final do conto é mais impactante do que na primeira versão.

O conto "*A Morta*" traz a história, narrada em primeira pessoa, de um casal feliz, até que um ano depois do casamento, a esposa morre de pneumonia. Ela é enterrada, e o viúvo, inconsolável, resolve passar a noite no cemitério onde ela está enterrada. A surpresa é que ele não consegue mais achar a saída do cemitério, e quando os mortos começam a sair dos túmulos… paremos por aqui, para não dar spoiler.

O conto "*O Homem de Marte*" investiga se há vida fora da Terra e sobre um tema caro a Maupassant: a loucura. O livro se encerra aqui. Agora passemos para a biografia do autor, que é deveras interessante.

René Albert Guy de Maupassant escreveu romances, novelas e contos. Os contos foram onde ele mais se destacou, atingindo tal nível de excelência, que hoje o autor é considerado o precursor da Literatura Fantástica, devido o conteúdo de seus contos.

A vida do autor se encerrou de forma trágica, devido a seu estilo de vida solitário e desregrado. Ele consumia grandes quantidades de álcool e outras drogas. Consumia ópio, haxixe, éter e morfina. Passou a ter alucinações, provenientes da sífilis. Chegou a tentar o suicídio, degolando a si mesmo. Passou uma longa temporada no hospital e morreu em 1893. O conto que o tornou famoso foi "*Bola de Sebo*", que serviu de modelo para a famosa canção "*Geni e o Zepelim*", do compositor e escritor brasileiro Chico Buarque. Seu romance "*Bel-Ami*" guarda semelhanças temáticas com o romance "*Ilusões Perdidas*", de Honoré de Balzac, outro grande escritor francês do século XIX. "*Bel-Ami*" ganhou várias adaptações para o cinema, a mais recente foi em 2012, com um elenco estelar, com Robert Pattinson, Uma Thurman, Christina Ricci e Kristin Scott Thomas no elenco.

Colunistas:

Péricles Melo é professor de História e autor do livro de poemas "Antes do orvalho: poesia no rosto" (2022).

Francisco Rangel Pinho Furtado é natural de Pentecoste, Ceará, e autor do livro "Luto Coletivo" publicado em 2023. Também é romancista, cronista e poeta. Formou-se em Ciências Religiosas pelo Instituto de Ciências Religiosas (ICRE).

Eduardo Fontenele é contista e romancista cearense de Fortaleza. É autor do livro A Morte de Benjamin Siegel" (contos), "O Andarilho Participou" (conto - Coletânea "Cenas para Escrever Teus Olhos"). Participa da Bienal Internacional do Livro do Ceará em sua XIV edição, em 2022. Participou da Antologia "Noites de Horror", com o conto "Saint Germain" (2023), da Coletânea "Entre Vampiros", com o conto "Entre os Túmulos", e lança seu primeiro romance, "O Mártir Excêntrico", pela Caravana Grupo Editorial, ambos de 2024.

Charles Baudelaire, maldito

Arnaldo Ricardo d**o** Nascimento

Tu que, influente poeta francês,
Um dos percussores do Simbolismo
Tu que, qual furiosa pena
De demônios, extirpaste,

De meu espírito salvaste,
Com teu leito e possessão
- Infame à qual estou atado
Como o galé ao seu grilhão,

Como ao baralho ao jogador,
Como à carniça o parasita,
Como à garrafa o bebedor
- Maldito foi tu, maldito!

Supliquei e tu me deu este gládio
Que a tua Modernidade me alcançasse,
E ao vento, pérfido da poesia algoz,
Que a covardia me deixasse.

Ai de mim! Com mofa e desdém,
Ambos me disseram então:
"Digno não és de que ninguém
Jamais te arranque à escravidão,

Imbecil! - diz o Maldito - se de teu retiro
Te libertássemos um dia,
Teu beijo ressuscitaria
O cadáver de teu vampiro!

Arnaldo Ricardo do Nascimento, fortalezense, casado, estudou em jardim de infância, escolas e universidades públicas. Formado em Biblioteconomia bacharelado (UFC), Licenciatura em Filosofia (Uece); especialista em Metodologia da Pesquisa Científica (Uece).

A árvore e o tempo

Maria do Livramento Gomes Rosa

Sempre que levo minha filha à escola
percebo uma árvore no estacionamento.
Olhei a árvore.
Sorri para a árvore.
Senti seu perfume.
Conversei com a árvore.
Fiquei puzzle.
Mas por que aquela árvore teimava em ficar ali parada?
Solitária
Imóvel
Será que alguém já pensou em removê-la?
Será que já sofreu poda?
Ataque das crianças que brincam ao seu redor?
Resistia ao tempo e a todos.
2º ano;
3º ano;
4º ano.
Três anos levando minha filha à escola.
Lá está ela...imponente, diferente,
parecendo ignorar a tudo e a todos.
Sua beleza natural encanta
Qual seria seu segredo para resistir ao ataque do tempo.
Pensei.
Analisei.
Somente uma resposta me veio à cabeça
...
Aquela árvore cumpria seu papel. Qual era o seu papel?
Compor a paisagem daquele ambiente,
De gente,
De amor,
Aprendizagem,
Ensinagem,
Essa árvore, descobri mais tarde era um Ipê Rosa.

Maria do Livramento Gomes Rosa é professora de Língua Portuguesa na rede estadual de ensino na cidade de Uberlândia. Fez mestrado profissional em Letras PROFLETRAS na Universidade Federal de Uberlândia- UFU.

COLUNA MOSAICO ARTÍSTICO-CULTURAL

Elaine Meireles
(contato: ponchetart1@gmail.com)

A Coluna Mosaico Cultural (Coluna Mosaico Artístico-Cultural) contempla a riqueza enraizada na diversidade racial, artística, social, geográfica, cultural, econômica, religiosa, espiritual e intelectual das várias regiões do Brasil. Ressalta novas tendencias e apelos da contemporaneidade, no que concerne à Literatura, Música, Cinema, Teatro, Pintura, Dança, Fotografia, Artes Digitais. E espera contribuir cada vez mais para a solidificação da Arte e da Arte Brasileira.

CAMINHO DE CRUELDADE

Ruth Ibiapino

Fui negro injustiçado
Trazido em embarcação
Vi dos meus jogarem no mar
Para mim, a sina da escravidão.
Fui amarrado com correntes,
Comi o que ninguém comia.

Fui uma vítima da agonia
Traído pela própria sorte.

Fui vendido cruelmente
Condenado à morte.
Na fazenda, na senzala
Conheci o chicote do corte.
Naquele tronco maldito
Suportei com meu grito
O preconceito da minha cor.
No caminho da pedreira,
Em grupos acorrentados
Pelo cruel capitão do mato

Fui sem pena, chicoteado.
Sentia meu sangue frio
Minhas costas ensopavam
Quando o chicote me encontrava.
Muitos dos meus não suportaram
E do meu lado morreram.
E em uma calada da noite,
A senzala incendiou
O fogo rápido se alastrou
Quase ninguém se salvou.

Fui inalado pela fumaça
Meu corpo não suportou.
No meu último suspiro
O fogo me queimou,
E nessa cruel estrada
Do caminho de crueldade,
Respirei a última vez
Sem ao menos conhecer
A LIBERDADE!

Ruth Ibiapino é poetisa, da cidade de São João do Tigre–PB. Atualmente mora em Campina Grande–PB, cursa Química Industrial na Universidade Estadual da Paraíba - UEPB. Participou em uma coletânea entre Brasil e Portugal, tem 14 cordéis autorais publicados.

AMOR PROIBIDO...

Dudu Cruz

Toda hora alguém levanta este tema tão conhecido. No entanto, para cada pessoa essa "música" toca num estilo. Às vezes, rap ou chorinho, ou pagode, ou quem sabe um jazz ou bossa nova. Fico pensando: "Amor proibido" ... Me atrevo a dizer que ELE NÃO EXISTE. O que pode ser proibido é a relação, mas o amor não se proíbe. O sentimento não se prende, não se guarda, não se julga. A vibração do amor é como a música da alma que treme os alto-falantes e explodem para o espaço todas as ondas sonoras...

Aos que vivem o "amor permitido", se não estiverem atentos à sua música, não é porque ele é "permitido" que não possa começar a ter "uma segunda voz" sem desafinar a melodia. O amor proibido continua sendo amor. Continua sendo vibrante, talvez até mais vibrante, mais "caliente". Dizem que tudo que é proibido é mais gostoso...

Talvez seja por isso que o tema é tão badalado e as experiências de amor são tão vivas, mesmo que às escondidas. O que faz o proibido ser mais gostoso é, talvez, a dose de adrenalina, atenção, preocupação com tudo e em volta, antes e depois para essa relação permanecer viva. O aproveitamento do tempo é uma coisa muito importante, e ele pode ser um grande aliado ou inimigo.

O relacionamento "socialmente correto" não precisa nada mais do que se tem aí como valores e modelos de posturas. Não se preocupar com estas coisas acaba deixando as relações repetitivas, mornas. E como diz o Divino: "Os mornos serão vomitados" (Ap. 3,16).

Com isso não estou querendo dizer que Deus concorda com as relações proibidas, mas também Ele não quer relações sem energia, sem amor verdadeiro. Aos que estão neste segundo perfil cabe avaliar melhor sua relação e inserir algumas fantasias de "relações proibidas", talvez aconteça uma turbinada, um aquecimento bom nessa vidinha.

Amor proibido, proibido por quem? Em que circunstâncias proibiram? São tantas respostas para tantas dúvidas e imposições que podemos dizer que para cada amor permitido tem pelo menos um proibido.

Você já teve um amor proibido? Não? Pois você não sabe o que perdeu... **Tô contigo e me abro.** Pág. 71

Dudu Cruz (Eduardo Augusto Carrilho Cruz) - Artista plástico visual, participou de várias exposições coletivas e duas individuais, músico percussionista, escritor. Publicou, pela A Barros Editora, em 2020 o livro, "**Tô Contigo e ME abro**", crônicas escritas desde os anos 80". Participou, com Poesias e Crônicas, da "Antologia, Semeando Versos" e "Costurando Vivências", fruto do grupo virtual Literatura Phontes Literárias. As Artes Visuais e livros do autor podem ser adquiridos pelas redes sociais: Instagram @ duducruz60; Youtube www.youtube.com/@duducruz_abstrato; Contato (11)97355-0859.

Poesias: Gaza, Saudade, Sou Minha

Mariv Dorta

Gaza

O amor agoniza na terra,
Banhando de sangue todo o chão.
Ali a humanidade se encerra,
É sina do preconceito:
Esquecer o que é direito;
É irmão matando irmão.
Mariv (08.02.2025)

Saudade

Hoje o sol não se levantou.
Choveu, o chão ficou molhado...
Meu sorriso iluminado
De repente se apagou.

Só tem saudade, quem já sentiu amor.
Saudade é lágrima que cura;
Saudade não é amargura.
É o céu que chora a minha dor!
Mariv (08.02.2025)

Sou Minha

Eu nunca fui de ninguém.
Minhas cicatrizes gritam
A dor que meus versos escondem,
Só que eu nunca esqueci.
Sempre deixei ir,
Para lembrar que eu só pertenço a mim.
Mariv (17.02.2024)

Mariv Dorta - Jaboatão dos Guararapes-PE – membro do Projeto Artes e Serenata de Olinda, poeta, pintora, baterista, fotografa, circula o Brasil com o esposo, em um trailer "Pé de Mundo", nome também de seu canal no YouTube.

Amélia

Elaine Meireles

Quem conheceu Amélia diria que ela se encaixava no ditado popular que diz: "A mulher é a coluna vertebral da sociedade". E estamos falando em final do século XIX e nas quatro primeiras décadas do século XX, quando a sociedade já era marcada por preconceitos contra a mulher, e esta deveria superar obstáculos superiores aos que enfrenta nos dias atuais do século XXI.

Ditados populares surgem ao justificar algo, caracterizar alguém ou mesmo destacar alguma coisa de positivo ou negativo da realidade cotidiana. Alguns destes ditados foram descartados devido ao amadurecimento da sociedade que implementa novos conceitos e ideias, fazendo circular o que não se encaixa no "politicamente correto", não envolvendo preconceitos, nem marginalizando pessoas e/ou grupos.

Para que mudanças ocorram, há a necessidade de se combater falsos princípios e se renovar posturas e ações, tornando as pessoas conscientes do papel a desempenhar, colaborando para a concretização do "Somos todos iguais", independentemente do sexo, cor, religião, raça, status social...

E quão magníficas e quantas belas histórias temos de indivíduos que vivenciaram/vivenciam e lutaram/lutam por esse ideal. Nesse contexto, encontramos a história de Amélia e Clóvis. Ela, nascida em Jerumenha (PI); ele, em Viçosa (CE). E Recife (PE) se torna palco de encontro entre esses dois grandes humanistas e juristas, que desde sempre estiveram envolvidos com a igualdade, direitos e deveres dos indivíduos.

Amélia Carolina inquieta-se desde cedo com a estrutura rígida da escola e encontra na poesia uma maneira de superar essas "grades", colaborando com textos no jornal da escola, criado por ela mesma. Ao mesmo tempo em que ela estimula seus conterrâneos, ela também lança contos, crônicas, romances, poesias, ensaios, muitos dos quais reservados a revistas e jornais do Piauí, Maranhão, Pernambuco, São Paulo, Rio de Janeiro.

Amélia Carolina de Freitas destaca-se por seu pioneirismo em enfrentar situações complexas e por sua apurada capacidade de elaborar, criticar e avaliar ideias. Sua formação acadêmica foi alimentada pela Filosofia, pelas palestras de Machado de Assis, na Livraria Garnier (RJ), ajudando-a a fundar revistas importantes como "Literatura e Direito", "Ciências e Letras", e a colaborar com o "Almanaque Brasileiro Le Garnier" e com a "Enciclopédia e Dicionário Internacional". Importante também seu trabalho intitulado "Instrução e Educação na Infância" e seu romance "Vesta", que lhe rendeu boas críticas de Araripe Junior e Silvio Romero.

Amelia Carolina de Freitas Beviláqua casou-se com Clóvis Beviláqua, autor do Código Civil Brasileiro, de 1883. Conheceram-se em Recife, enquanto

cursavam Direito, e período em que ela criara a Revista O Lyrio, escrita exclusivamente por mulheres. Apoiavam-se mutuamente, e mesmo sendo a Academia Brasileira de Letras, exclusiva para homens, ele a incentiva a quebrar esta regra, sabendo-o, Clóvis, que ela era uma mulher de vanguarda. Não obteve sucesso, mas foi admitida na Academia Piauiense de Letras, e na Ala Feminina da Casa Juvenal Galeno, no Ceará.

Amélia foi advogada, jornalista, escritora e lutou pelos direitos das mulheres. Através da IA, poderíamos construir um interessante diálogo entre Amélia Carolina de Freitas Beviláqua e Amélia, de Mario Lago e Ataulfo Alves, e a Amélia, de Pitty e Martin Mendonça, em Desconstruindo Amélia.

Vejam parte desse diálogo:

...

- Amélia Beviláqua: A sociedade muitas vezes nos coloca em caixas, e isso pode ser sufocante. Eu gostaria de ver mais mulheres se libertando dessas expectativas.

Que lindo! Vamos continuar essa conversa e inspirar outras mulheres a se libertarem das amarras que a sociedade impõe.

- Amélia (de Mário Lago e Ataulfo Alves): Com certeza! A união faz a força, e juntas podemos transformar essa realidade.
- Amélia (de Pitty e Martin): Vamos em frente, então! A luta é nossa, e a mudança começa aqui e agora.

Elaine Meireles – Especialista em Literatura Luso-Brasileira, Professora Tutora da UFC/IFCE, Articulista da Revista Sarau, Apresentadora do Sarau na EMCETUR. Autora da Coletânea Lápis Afiado (Análise de livros indicados para o vestibular; Estilos Literários Brasileiros.); Português – Vestibulares & Concursos. Participação nos livros Vivencias de Leitura – uma análise linguística-literária das obras (org. Lucineudo Machado). Contato: ponchetart1@gmail.com

LANÇAMENTO DO LIVRO: SOL, SONHO E CHAMA

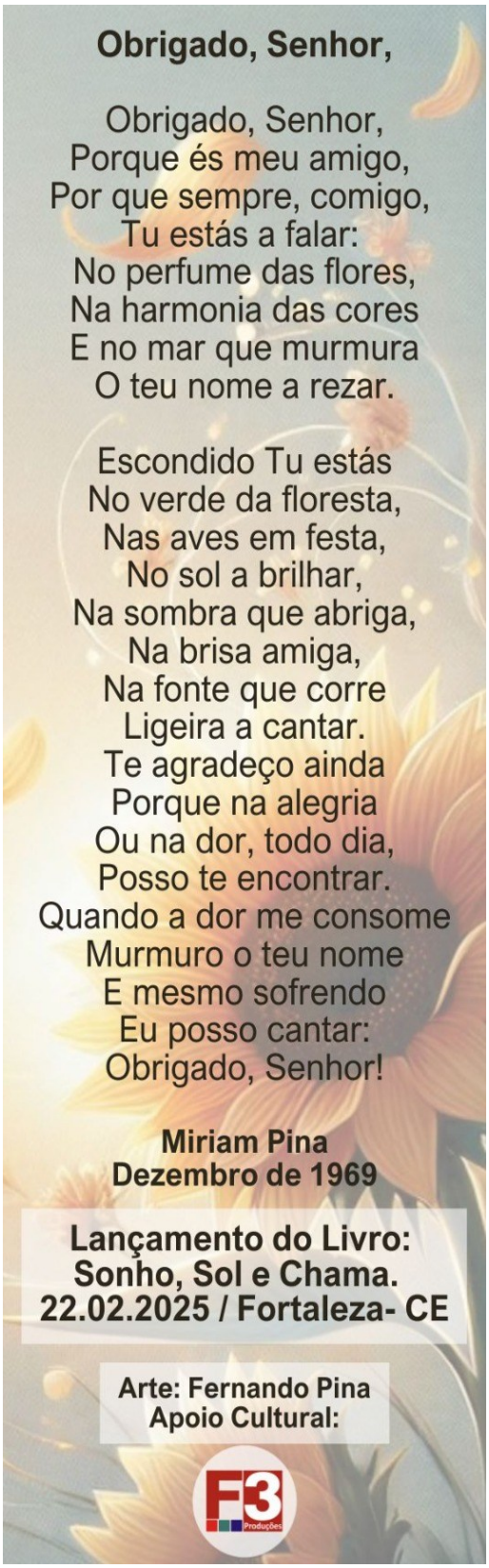
Miriam Pina nasceu em Santa Rita (Paraíba). Ainda criança, decidiu se tornar professora. Concluiu o Bacharelado em Letras pela UFPE e a Pós-graduação em Educação pela UFRJ.

Viveu 11 anos na África (Angola e Zâmbia). Em Angola, durante a guerra, nos anos 90, trabalhou como intérprete e tradutora para a UNAVEM (United Nations Angola Verification Mission) – missão de paz da ONU e coordenou, junto com o esposo, Roberto Pina, o Projeto Pró-Vita, da diocese de Luanda, cujo objetivo era prestar apoio humanitário a vítimas da guerra e auxiliar na formação de líderes comunitários em diversas províncias de norte a sul do país.

Da sua mãe, de pouca leitura, mas de muita sabedoria e imaginação, herdou o gosto por criar e contar histórias para os filhos. Atualmente é colunista do ***Espaço***

Criança da *Revista Cidade Nova* (SP). Publicou o livro ***Estressilda, a formiguinha estressada*** (2020, Editora Coralina - RS).

A poesia acontece de vez em quando, como forma de externar seus sentimentos diante de momentos fortes da vida.



Alquimia

Atrás do sorriso
O grito contido,
O choro abafado,
A dor clandestina.
A luz brilha fora
E dentro é inverno.
É frio que gela.
É nuvem escura.
A canção dos lábios
Soluça na alma.
O brilho nos olhos
É lagrima invisível.
Parece uma farsa?
E só alquimia
Transformando,
Sempre,
A dor
Em Amor.

(**Miriam Pina**)